EDUCAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR
POLITÉCNICO SETÚBAL

Rosa Maria Caro Ferreira

Artes Visuais e Educação de Infância
A importância da diversificação de técnicas e materiais

Relatório de Projeto de Investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Julho de 2024

Constituição do Júri:

Presidente: Professora Doutora Sofia Figueira

Arguente: Professora Doutora Sandra Antunes

Orientador: Professora Doutora Joana Matos

Agradecimentos

É com um misto de sentimentos que escrevo estas palavras, porque esta minha longa caminhada terminou. Foi um caminho consciente, mas que exigiu de mim um esforço em que por vezes me questionava onde encontrava motivação para tal determinação.

Agora agradecer ao grande alicerce da minha vida, o meu marido Vitinho, sem ti nada disto seria possível! Acompanhou todas as etapas, as boas e as menos boas, sempre com a mesma frase "faz isso com calma, mas faz!".

Um enorme obrigada à minha pessoa luz, Beatriz, uma pessoa incrível, inteligente, esforçada e que muita paciência teve comigo, com as minhas dúvidas, inseguranças e que foi determinante o seu apoio nesta reta final que é o Mestrado que, logo por sorte, é minha filha. Obrigada por acreditares em mim "gostomaisdetidoque1001galáxias".

Às minhas colegas de turma, embora com idade para ser mãe da maioria, sempre me trataram com respeito, mas nunca com condescendência! Agradeço esta igualdade que permitiu o meu envolvimento nas suas brincadeiras, nos momentos mais sérios e no acompanhamento em todas as horas dos nossos dias.

Aos professores que se cruzaram comigo neste percurso, que me incentivaram e inspiraram com as suas partilhas. Um agradecimento especial à minha orientadora, professora Joana Matos, pelo seu apoio e motivação ao longo de todo o processo de construção deste relatório.

Às educadoras cooperantes que partilharam comigo as suas conceções e que conseguiram que eu ficasse ainda mais deslumbrada com a profissão. Espero um dia ser assim, conseguir influenciar alguém, de forma tão apaixonante o que é ser uma educadora de infância.

Resumo

O tema do presente relatório de investigação aborda a importância das artes visuais na educação de infância e tem como finalidade compreender quais os contributos da diversificação de materiais, suportes e técnicas e de que forma estes podem influenciar o desenvolvimento das crianças nos contextos de creche e jardim de infância.

Adotar uma metodologia qualitativa orientada na investigação-ação, ao longo dos estágios realizados, permitiu-me conhecer os contextos e intervenientes da investigação. Os procedimentos de recolha de informação aplicados foram a observação, as notas de campo que integram as conversas informais, as reflexões com as educadoras cooperantes, a pesquisa documental, os registos multimédia e a entrevista realizada às educadoras cooperantes.

Nos contextos de estágio encontrei realidades diferentes, sendo que em creche a aproximação das crianças às artes visuais era reduzida, e em jardim-de-infância esse contacto era habitual.

As intervenções descritas e analisadas nesta investigação foram selecionadas considerando a sua pertinência relativamente ao tema do projeto, dado que intervim no sentido de promover a diversificação de materiais, suportes e técnicas potenciando a exploração das artes visuais em ambos os contextos.

Este estudo permitiu observar e refletir acerca do tema principal: a diversificação de técnicas e de materiais e compreender como esta influencia a exploração das artes visuais em contexto de creche e jardim-de-infância.

Palavras-chave: artes visuais; técnicas artísticas; materiais; creche; jardim-de-infância.

Abstract

The theme of this research project report is the importance of visual arts in early childhood education, and its purpose is to understand the contributions of the diversification of techniques and materials and how these can influence the development of children in the context of nursery and kindergarten.

Adopting a qualitative and action-research methodology, throughout the internships carried out, allowed me to get to know the contexts and the participants of the investigation. The procedures for collecting information were observation, field notes that integrate informal conversations, reflections with the cooperating educators, documentary research, multimedia records and interviews carried out with the cooperating educators.

In the internships contexts, I found different realities, being that in nursery the children's contact with visual arts was reduced, and in kindergarten that contact was common.

The interventions described and analyzed in this research were selected considering their relevance to the project theme, since I intervened to promote the diversification of techniques and materials, enhancing the exploration of visual arts in both contexts.

This study allowed to observe and reflect on the main theme: the diversification of techniques and materials and understand how this influences the exploration of visual arts in the context of nursery and kindergarten.

Keywords: visual arts; techniques; materials; nursery; kindergarten.

ÍNDICE

Agradecimentos 3
Resumo 4
Abstract 5
Introdução 10
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO DE REFERÊNCIA 13
1. Perspetivas teóricas acerca das artes visuais na educação de infância 13
1.1. O desenvolvimento artístico e estético da criança 15
1.2. Aproximação das crianças com as artes visuais 19
2. O espaço, as técnicas e os materiais 21
2.1. A importância da diversificação dos suportes, materiais e das técnicas 22
3. O educador 23
3.1. O papel do educador na valorização das Artes Visuais 23
3.2. Metodologias 26
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO 28
1. Investigação Qualitativa 28
2. Investigação-Ação 30
3. Procedimentos de Recolha de Informação 31
3.1 Observação Direta 32
3.2. Notas de Campo 33
3.3. Registos Multimédia 34
3.4. Pesquisa Documental 34
3.5. Entrevista Semiestruturada 35
4. Procedimentos de Tratamento e Análise da Informação 36
CAPÍTULO III – CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS DE ESTÁGIO 38
1. Contexto de Creche - Instituição A 39
1.1. Caracterização do grupo de Crianças 39
1.2. Equipa (Educativa e Pedagógica) 40
1.3. Projeto (Educativo e Pedagógico) 41
1.4. Organização das Rotinas, Espaços e Materiais 42
2. Contexto de Jardim de Infância – Instituição B 45
2.1. Caracterização do grupo de Crianças 46
2.2. Equipa (Educativa e Pedagógica) 46
2.3. Projeto (Educativo e Pedagógico) 47
2.4. Organização das Rotinas, Espaços e Materiais 48

3. Artistas por Três Dias 64
3.1 Balanço das intervenções em contexto de jardim-de-infância 75
CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS 78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 84
APÊNDICES 87
Apêndice A – Guião de entrevistas às educadoras cooperantes 87
Apêndice B – Transcrição da entrevista à educadora cooperante A 89
Apêndice C – Transcrição da entrevista à educadora cooperante B 91
Apêndice D – Análise do conteúdo das entrevistas 95
Apêndice E – Planificação da intervenção Creche - "Pintura aromática" 97
Apêndice F – Registos fotográficos da intervenção "Pintura aromática". 99
Apêndice G– Planificação da intervenção Creche - "Pintura sensorial" 100
Apêndice H – Registos fotográficos da intervenção "Pintura sensorial". 102
Apêndice I– Planificação da intervenção jardim-de-infância "Artistas por três dias" (atividade nº1) 103
Apêndice J– Planificação da intervenção jardim-de-infância - "Artistas por três dias" (atividade nº2) 105
Apêndice K– Planificação da intervenção jardim-de-infância - "Artistas por três dias" (atividade nº3). 107
Apêndice L – Registos fotográficos da intervenção "Artistas por três dias". 109
Apêndice O – Notas de campo dos diálogos das crianças no momento de apreciação das obras apresentadas na intervenção de jardim-de-Infância 110
Anexos 112
Anexo 1 Poema " As cem linguagens" de Loris Malaguzzi 112

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Área das Artes Visuais do primeiro momento de estágio 44
Figura 2- Área das Artes Visuais no segundo momento de estágio..... 50
Figura 3- Exploração da história aromática 54
Figura 4- Exploração olfativa das especiarias 55
Figura 5- Figura 5- Realização da pintura aromática..... 55
Figura 6- Imagem ilustrativa da transformação das mesas 57
Figura 7- Exploração das estações de pintura 58
Figura 8- Criança a aplicar uma técnica alternativa à prevista..... 58
Figura 9- Momento de observação e análise das obras de Miró 65
Figura 10- Obra de Joan Miró “O Carnaval de Arlequim” 65
Figura 11- Momento de realização de desenho inspirado em Miró..... 66
Figura 12- Exposição dos desenhos realizados 67
Figura 13 - Desenho mencionado na observação e de diálogo das crianças..... 68
Figura 14- Obra de Joan Miró “Chatarrero de Miró” 69
Figura 15- Obra de Joan Miró” O Pássaro” 70
Figura 16- Momento de desenvolvimento da atividade de modelagem. 71
Figura 17- Momento de contemplar e dialogar sobre a obra "O Jardim". 72
Figura 18- Momento de realização da atividade de recorte e colagem..... 74
Figura 19- Trabalhos expostos o Jardim de Miró 74
Figura 20 - Obra de Joan Miró "O grande Pássaro" 110
Figura 21- Obra de Joan Miró "O Holandês" 110

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Organização dos momentos de estágio 38
Tabela 2- Rotina da Instituição A 42
Tabela 3- Rotina da Instituição B 48

Introdução

O presente relatório do projeto de investigação-ação foi elaborado no âmbito da prática de ensino supervisionado do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. O início da elaboração do relatório ocorreu na unidade curricular de Seminário de Investigação e Projeto I, onde se começou por delinear a temática e os objetivos da investigação, estabelecendo como ponto de partida o estágio vivenciado em contexto de creche e a minha experiência pessoal e profissional.

Primeiramente, importa mencionar o conjunto de motivações que me levou à escolha da temática da importância das artes visuais na educação de infância. Em relação ao tema da investigação, é possível afirmar que a motivação inicial para a sua escolha foi a minha própria experiência, uma vez que exerci a função de auxiliar de ação educativa por um longo período, mais concretamente catorze anos de aprendizagens e de acompanhamento de vários grupos de crianças e de diferentes educadoras de infância, tanto em contexto de creche como em jardim de infância.

As educadoras de infância que acompanhei faziam questão de integrar as artes visuais no seu currículo e promoviam diversos momentos de exploração desta área, momentos esses que sempre foram do meu interesse. Era com empenho que auxiliava, acompanhava e observava o desenvolvimento destes momentos, que considero serem bastante ricos, visto que era possível observar as competências que as crianças já possuíam em relação às artes visuais, e que também apelavam à sua imaginação e ao desenvolvimento do seu sentido criativo. Devo salientar, que a nível pessoal, também sempre desenvolvi variados projetos, como reciclagem de móveis, pintura de telas, bordados, o que me proporcionou olhar para as artes visuais como algo mais abrangente.

Devido à minha experiência profissional e pessoal em relação a este tema e ao facto da mesma ter sido tão positiva, tive bastante interesse e uma enorme vontade de saber mais e de ampliar o meu conhecimento relativamente às atividades de exploração das artes visuais que se podem desenvolver com as crianças. Considero ser importante diversificar os suportes, os materiais e as técnicas utilizadas, uma vez que é importante proporcionar às crianças oportunidades de apreciação de diferentes manifestações de artes visuais, partindo de várias modalidades expressivas (Silva et al. 2016).

A oportunidade de estagiar em contexto de creche, ao longo de dez semanas, permitiu observar a existência de uma situação-problema, que se refere à pouca diversidade relativamente aos materiais e suportes disponibilizados, nomeadamente, lápis de cera, marcadores, plasticina, papel de cenário ou folhas que as crianças tinham oportunidade de explorar e manipular . Deste modo, foi possível constatar que as crianças exploravam repetidamente os mesmos materiais e suportes, algo que se pretendia mudar de modo a potenciar a exploração das artes visuais, para que a mesma seja potenciadora de aprendizagens significativas para a criança.

Após a identificação e definição da situação-problema do presente estudo, tornou-se fundamental constituir a questão de investigação: - Como potenciar a exploração das artes visuais em contexto de Educação de infância?

Uma das principais intenções deste estudo é compreender as conceções pedagógicas das educadoras sobre as artes visuais e como estas se repercutem nas práticas educativas, artísticas e nos currículos para as crianças. Pretende-se com este trabalho aprofundar as conceções inerentes dos contextos educativos estudados, na implementação de materiais, suportes e técnicas diversificados, destacando as artes visuais enquanto momento de aprendizagem/desenvolvimento e expressividade. Em suma, atribuir valor pedagógico e artístico às artes visuais, sustentando esta intencionalidade com a ideia de Barbieri (2012):

> Afinal, a arte é linguagem e linguagem é o traço diferencial da espécie humana. (…) torna-se imprescindível que a educação infantil seja um espaço de acesso às manifestações artísticas e culturais produzidas pela humanidade. Portanto, somente o trabalho com arte poderá fortalecer e assegurar, por meio das múltiplas linguagens, a autoria e expressão das crianças pequenas, ampliando assim seus referenciais e potencialidades humanas. (p.38).

Todos estes fatores culminaram no tema do relatório que se encontra organizado em cinco capítulos.

O **capítulo I** intitula-se de Quadro Teórico de Referência, no qual se encontra a fundamentação teórica que sustenta esta investigação, nomeadamente no que diz respeito

às Artes Visuais, ao desenvolvimento estético e artístico da criança, à aproximação da criança com as obras de arte, à importância da diversificação das materiais, suportes e técnicas, bem como à organização do espaço ao papel do educador na valorização das artes visuais.

No **capítulo II**, é apresentada a Metodologia de Investigação, que visa expor as opções metodológicas mobilizadas, destacando a investigação qualitativa e a investigação-ação, bem como os procedimentos de recolha e tratamento da informação que foram mobilizados ao longo do processo de investigação.

O **capítulo III**, consiste na Caracterização dos Contextos Educativos. Em cada contexto de estágio (Creche e Jardim de Infância) descrevo, primeiramente, a instituição, os grupos de crianças, a organização dos espaços, as equipas, os projetos educativos e pedagógicos, o trabalho com as equipas pedagógicas, evidenciando os aspetos variantes e invariantes nos contextos de estágio.

No **capítulo IV**, são apresentadas as Descrições e Interpretações das Intervenções realizadas no contexto de creche e jardim-de-infância, tal como um balanço reflexivo acerca de cada uma delas.

O **capítulo V** integra as considerações finais acerca da investigação, onde reflito acerca de todo o percurso de construção do projeto de investigação. Apresento as dificuldades e inseguranças sentidas acompanhadas por uma reflexão crítica sobre a forma como as aprendizagens adquiridas contribuíram para a construção da minha identidade enquanto futura educadora de infância e para o meu crescimento profissional.

Por último, são apresentadas as Referências Bibliográficas, a partir das quais se sustenta esta investigação e a construção do presente relatório. Posteriormente, encontram-se os Apêndices que são devidamente referenciados no decorrer do documento e que complementam as informações descritas e finalmente os anexos que contêm informação inerente ao presente relatório de investigação.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

1. Perspetivas teóricas acerca das artes visuais na educação de infância

As artes visuais são bastante importantes na educação de infância, representando um estímulo essencial em várias etapas do desenvolvimento da criança. Através desta área, as crianças desenvolvem a imaginação e a criatividade, adquirindo novas competências e formas de olhar o que a rodeia. Permite também que a criança comunique através de diferentes meios de expressão, conhecimentos os seus sentimentos, as suas inseguranças, as suas vivências e a cultura da qual faz parte. As artes visuais contribuem para a formação do indivíduo e é no fazer artístico que acontece essa aprendizagem. (Ferreira, 2015).

> Assim, as artes visuais são importantes na escola, principalmente porque são importantes fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um património cultural da humanidade, e todo o ser humano tem direito ao acesso a esse saber. (Martins et al., 1998, p.12).

Diversos autores fundamentam a relevância do trabalho desta área na educação de infância, destacando que as artes visuais proporcionam a "aquisição de competências específicas que favorecem o relacionamento entre as componentes educativas e entre as artes e as culturas" (André, 2009, p.3). Assim sendo, e de acordo com Oliveira (2007) este relacionamento permite à criança, "o desenvolvimento da criatividade, da comunicação e da construção de novas ideias, potenciadoras da exploração e da transformação do mundo, torna-se uma das formas mais significativas de promoção da cultura, constituindo-nos impulsionadores do desenvolvimento cultural" (p.264).

Neste sentido, é possível compreender que uma educação que incluí as artes permite à criança uma melhor compreensão da sua própria cultura. Como afirma Baudrillard (1998), "não é possível escaparmos à nossa própria cultura" (p. 60). Como tal, é importante que as crianças sejam incentivadas desde cedo para o desenvolvimento de competências que lhes consintam compreender o mundo que as rodeia para que possam

colaborar para o desenvolvimento da sua cultura, de forma refletida e construtiva. (Oliveira, 2007).

Deste modo, é essencial que as áreas das artes sejam trabalhadas nas salas, tanto em creches como em jardins de infância, visto que "é fundamental integrar as crianças em ambientes onde possam contactar regularmente com a arte, com os seus processos e com os seus criadores" (Godinho & Brito, 2010, p. 9). Considera-se que as instituições educativas devem proporcionar às crianças diversas experiências artísticas para que estas tenham a possibilidade de executar, criar e apreciar arte. Neste seguimento, as crianças devem de percorrer por todas as vertentes da experiência artística e didática, através de três formas distintas "através da execução (aplicandas técnicas), através da criação (fazendo algo novo) e através da apreciação (contactando com obras de outros)" (Godinho & Brito, 2010, p. 10).

De acordo com a autora Ana Mae Barbosa, 2022 e a sua teoria sobre a Abordagem Triangular, a mesma refere que esta perspetiva possui uma importância única, para o ensino das artes, devido ao facto de contemplar todas as instâncias da arte que consistem no ver arte, no fazer arte e no decodificar arte, o que corresponde aos vértices de um triângulo na qual esta abordagem está representada.

Cada vértice possui a mesma importância de modo igualitário, ou seja, a forma de como abordá-los não necessita de seguir uma ordem sequencial, revela preceitos teóricos importantes que serão abordados individualmente. (Fonseca et al., 2022).

> Quando falo de conhecer arte falo de um conhecimento que nas artes visuais se organiza inter-relacionando o fazer artístico, a apreciação da arte e a história da arte. Nenhuma das três áreas sozinha corresponde à epistemologia da arte. O conhecimento em artes se dá na intersecção da experimentação, da decodificação e da informação. Barbosa (2008, cit. por Fonseca et al. 2022, p. 32).

De acordo com as Orientações para a Educação do Pré-Escolar, (2016), as Artes Visuais, "são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos" (Silva et al., 2016, p.49).

Tendo como objetivos gerais a promoção de aprendizagens da criança, nomeadamente o desenvolvimento das capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas, e o reconhecimento e a mobilização de elementos da comunicação visual, tanto nas suas produções como em imagens que observa, é importante proporcionar às crianças oportunidades de apreciação de diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo, no âmbito das Expressões Artísticas, é referido que é primordial "(…) desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança (…) imaginação criativa, e estimular a actividade lúdica" (art.º 5.º da Secção I). Assim como, a Lei-Quadro para a Educação Pré-Escolar, também destaca que é fundamental "(…) desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compressão do mundo" (Lei 5/97).

Sabendo que a Educação Pré-escolar é considerada "a primeira etapa da Educação Básica no processo de educação ao longo da vida" (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), é fundamental que esta fase inicial seja marcada por aprendizagens e vivências significativas para as crianças, entre as quais se devem incluir as vivências artísticas.

Consideramos as artes visuais uma área transversal a todos os contextos educativos infantis, visto que são uma área que pode e deve de ser explorada pelas crianças desde muito cedo. Esta é uma área que potencia o seu desenvolvimento, mas é importante ter em consideração que "o essencial é a criança reinventar-se, brincar com as artes e deixar-se envolver nas atividades que lhe são propostas" (Jorge-Ferreira, 2021, p. 102). Posto isto, é fundamental que se crie, organize e oriente intervenções didáticas que permitam as mais variadas explorações, ampliando as possibilidades de expressão das crianças, tornando-se necessário um olhar atento por parte do educador, de forma a promover a exploração e conhecimentos das artes visuais, de acordo com a faixa-etária e interesses que o seu grupo de criança apresenta.

1.1. O desenvolvimento artístico e estético da criança

As crianças têm uma predisposição natural para descobrir, para experimentar, explorar, mexer e sentir. Quando lhes é permitida esta liberdade, "a criança exprime-se livremente, e ninguém melhor do que ela pode responder pelo que faz, porque faz o que

quer, e é, por conseguinte, a autora dos seus próprios atos, desenvolvendo, além da autoconfiança, um elevado grau de responsabilização." (Sousa. 2023, p.167).

Deste modo, é possível compreender que é essencial criar situações que promovam a autonomia e independência para que a criança consiga alcançar a liberdade necessária para se exprimir livremente. As crianças ao terem acesso a material riscador variado e a tipos de suporte diferentes no seu dia a dia, é uma ação que potencia a liberdade de expressão referida pelo autor. Tal como Holm (2004) defende que "se dermos às crianças a mesma liberdade para o processo artístico que lhes damos para suas brincadeiras, as crianças chegarão à excelência no aprimoramento do processo criativo" (p. 83).

> Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou um modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações. Sousa (2023, cit. por Gonçalves, 1991, p. 167).

O desenvolvimento da criatividade nas crianças é muito importante para o seu desenvolvimento integral. As crianças desenvolvem muitas competências que irão moldar o seu futuro nos primeiros seis anos de vida, tal como refere Jorge-Ferreira (2020).

> Nos primeiros anos de vida, ocorre o processo de maturação do sistema nervoso central sendo uma ótima fase da plasticidade neuronal. Tanto a plasticidade quanto a maturação dependem da estimulação e o ato de incentivar a criança a brincar, desenhar, empilhar objetos, participar ativamente do convívio familiar, descobrir o ambiente ao seu redor, ouvir músicas, ler livros e entre outras, favorecendo assim o desenvolvimento motor, cognitivo, sensorial, linguístico e social, contribuindo para tornar a criança um adulto saudável (p.38).

De acordo com Sousa (2023), "a criatividade é uma capacidade humana, cognitiva que lhe permite pensar de modo antecipatório, imaginar, inventar, evocar, prever, projetar e que sucede internamente, a nível mental" (p.167).

Deste modo, é possível concluir que a arte influencia positivamente o crescimento das crianças e funciona como estímulo para a aquisição de competências e conhecimentos. Apesar das artes visuais promoverem o desenvolvimento de

competências e conhecimentos necessários para outras áreas do conhecimento, concordamos com a autora Iavelberg (2013), quando esta afirma que não deverá ser esta a justificação para a sua inserção no currículo, mas pelo seu valor intrínseco.

Segundo Barbieri (2012) "a imaginação e a criatividade das crianças não têm limites, o que favorece o desenvolvimento de sua potência e a exploração e apropriação de suas múltiplas linguagens, ampliando suas formas de expressão." (p.18). Segundo esta autora, o trabalho com arte na educação de infância é um dos passos para cultivar essa vitalidade natural. É importante promover as aprendizagens com arte na educação de infância, pois assim ajudamos cada criança a descobrir como é o seu mundo de invenções e abrir portas para novos conhecimentos, assim, a criança aprende a imaginar e a fazer.

As experiências estéticas ocorrem desde que nascemos, porque elas relacionam-com a estrutura que se vai criando, tanto no nosso pensamento como na nossa perceção.

> Entre o homem e a natureza, colocam-se símbolos, linguagens. A linguagem e significação que damos existência, é o caminho que a criança inventa para se colocar. Isso é a constituição da linguagem - como a criança constrói esse caminho. Por meio da linguagem, a criança vai criando o seu território expressivo e de ação, vivendo a sua experiência estética. (Barbieri, 2012, p.37).

De acordo com a autora, fazem parte das experiências estéticas, os cheiros, gostos, sons, temperaturas, texturas, imagens, pois "Em cada gesto demonstramos tudo o que vivemos, tudo pelo que passamos, o que de alguma forma vai contribuindo para esse manancial de possibilidades que nós somos." (Barbieri, 2012, p.37).

Embora todas as crianças sejam naturalmente criativas, existem maneiras de estimular essa capacidade de permanecer e crescer, cabendo ao educador, "alargar as suas experiências de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação." (Silva et al., 2016, p.49) Para isso, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos, do mesmo modo que, se nesta forma de expressão artística se coloca muitas vezes a ênfase no fazer, "é fundamental que, para além de experimentar, executar e criar, as crianças tenham oportunidade de apreciar, e de dialogar sobre aquilo que fazem e o que observam." (idem, p.49).

De acordo com os autores, é muito importante que as crianças tenham acesso a uma diversidade de meios de expressão, para promover a ampliar o seu percurso criativo, e o seu repertório visual.

Quando mostramos obras de arte às crianças, é necessário preparar um ambiente educativo que poderá contemplar a observação direta (por exemplo, obra exposta num museu) e/ou a observação indireta (por exemplo, uma fotografia impressa da obra), que darão à criança a oportunidade de observar e captar um maior número de informação da peça. Este olhar das crianças está sempre disposto a novas descobertas e o ter contato com a arte ajuda a manter o interesse e a atenção sobre o que observam. Durante esta leitura, devemos dar tempo para que a criança fale sobre o que vê nas imagens, possibilitando que esta faça uma leitura individual ou em grupo, partilhando assim as ideias que tem.

Barbieri (2012) refere que as "Obras de arte falam sobre a própria arte, sobre perguntas, ideias, sobre a vida. Para podermos lidar com arte e imagens com as crianças, devemos nos debruçar sobre o assunto." (p.129). Compreende-se que tudo o que, de alguma forma esteja relacionado com a nossa perceção, está intimamente relacionado com a nossa própria experiência estética.

Portanto, compete ao educador, desenvolver um conjunto de atividades que estimulem a capacidade de apreciação de obras de arte por parte das crianças, que passará por investigar o assunto a abordar, conciliando com os interesses das crianças. Desta forma, o educador assume-se como fundamental e inclui nas suas planificações a informação disponibilizada pela criança e com significado para si, enquanto define intenções claras na escolha dos conteúdos e das estratégias de apresentação das obras de arte.

Uma outra forma de aproximação com a arte que podemos apresentar às crianças é a exposição dos seus próprios trabalhos. Desta forma é proporcionado um olhar geral das suas produções, e assim, a promoção da relação do que está exposto, onde cada produção seja entendida como um produto cheio de histórias e significados. Tal como refere Lavelberg (2013) "O desenho de uma criança particular, é um diálogo com a de outros desenhos existentes, e se consolida para ela como um fator de socialização e participação no mundo da criação artística e da arte" (s.p).Reconhecemos assim, que o desenho de uma criança pode agir no desenho de outras crianças e vice-versa, sem perder a dimensão de desenho autoral.

Em suma, uma aprendizagem centrada na compreensão da arte permite à criança uma constante e inovadora experiência que lhe possibilita adquirir um conjunto de competências capazes de enriquecer a sua personalidade. Desta forma, a criança pode construir um conhecimento maior do mundo e de si mesma, integrando-se melhor na sociedade (Oliveira, 2007, p.61).

1.2. Aproximação das crianças com as artes visuais

Acreditamos que as Artes Visuais apresentam grandes oportunidades no desenvolvimento das aprendizagens da criança, no sentido que permitem ampliar o conhecimento do mundo que a rodeia e possibilitam a aquisição de novas competências. As Artes Visuais, é uma forma de arte que está presente no quotidiano da criança, através da qual a criança se expressa, comunica e demonstra os seus sentimentos. Referindo-se à Linguagem Gráfica Infantil, Cottinelli (1992) refere que "é uma das formas que a criança tem de comunicar com os outros. (…) através dela mostra o seu próprio modo de pensar, aprender e brincar" (p.7).

Nesta linha de pensamento, acerca da Linguagem Gráfica Infantil Sousa (2023) refere ainda que, "esta área é essencialmente uma atividade natural, livre e espontânea" (p.158) através da qual a criança se expressa transmitindo as suas emoções e sentimento. O educador deverá valorizar mais, toda a ação que denominamos por processo, e não apenas o produto final.

Referindo-se à primeira infância, Dorance (2004) menciona que as atividades desenvolvidas na área das artes visuais se baseiam "no prazer sentido pela criança ao tocar, manipular, olhar, fazer. Permitem-lhe comunicar, manifestar as suas emoções, a sua personalidade. Ao criar objetos plásticos, a criança desenvolve o poder da imaginação e da invenção, descobre o prazer de se exprimir." (p. 5).

Deste modo, podemos considerar que a criação gráfico-plástica proporciona à criança um "campo de expressão de emergências psicológicas que por outras vias seriam mais difíceis de exteriorizar" (Sousa, 2023, p.165), permitindo assim, que as crianças contatem com novas situações, satisfazendo a sua curiosidade natural, e a sua procura incessante pelo conhecimento. Mediante esta ideia, importa realçar, que no âmbito da educação de infância as artes visuais tem como objetivo centrar-se principalmente na criança,

promovendo o desenvolvimento das suas capacidades e necessidades, e não somente no resultado das suas produções.

De forma que a criança desenvolva, através das suas produções diferentes competências, importa que haja diversidade nas intencionalidades propostas pelo educador, que estas sejam criativas e possíveis de várias representações simbólicas, para que motivem a criança a desenvolver processos criativos significativos e enriquecedores, que desenvolvem o pensamento critico e reflexivo sobre as suas ações. Uma das estratégias do educador poderá passar pela utilização de diferentes técnicas e materiais. Segundo Sousa (2023), as técnicas escolhidas e os materiais utilizados estão estreitamente associados ao desenvolvimento emocional, sentimental e cognitivo da criança "à medida que as suas experiências se enriquecem, ela vai tendo cada vez mais necessidade de variedade de técnicas e de materiais para se expressar convenientemente." (p.181).

Assim sendo, incluir desenhos, pinturas, modelagem, recorte e colagem, entre outras, torna-se imprescindível para que a criança dê sentido às suas criações, constituindo-se como um estímulo, para que a criança crie com as mãos o que imagina. É possível considerar que a exploração de diferentes técnicas e materiais são tão importantes para as crianças, como as palavras são importantes para a linguagem oral, durante a primeira infância. Como já foi referido, as Artes Visuais devem assumir uma atitude pedagógica diferente, "que não esteja centrada na realização de produtos finais, mas sim no desenvolvimento da criança, nas suas capacidades e na satisfação das suas necessidades" (Sousa, 2023, p. 160). Neste sentido, Sousa (2011) menciona que, "não devemos esquecer que a escola é o local onde as crianças passam a maior parte do seu tempo, tempo esse, onde devem ser proporcionados momentos que desenvolvam competências e aptidões criativas para enfrentarem o seu dia-a-dia" (p.3).

É também através destas vivências que Oliveira (2007) acrescenta que:

> No desenvolvimento do currículo importa expor as crianças a um grande número de conhecimentos interrelacionados facilitando a sua transferência. Esta transferência produz-se quando se verifica que duas ideias ou conceitos diferentes têm elementos em comum utilizando-se estratégias diversas com vista a uma aprendizagem significativa por parte da criança. (p.65).

As Artes Visuais não podem justificar-se somente por auxiliar outras áreas do saber, e por esta razão devem estruturar-se de uma forma autónoma. De acordo com Oliveira (2007), a área das artes visuais na educação de uma criança, "visa essencialmente potenciar a sua componente sensorial e cognitiva, e ampliar as suas estruturas de referência relativamente ao seu conceito de arte." (p.66). Vários autores surgem com uma nova perspetiva que associa a arte à cognição. "Este vínculo tende cada vez a mais, caracterizar a arte como um campo de estudo e não meramente como uma atividade recreativa" Oliveira (2007, cit. Biasoli, 1999, p,63). Contudo, não nos devemos esquecer que esta área invoca a criatividade das crianças, favorecendo o seu desenvolvimento global e por isso deve ser explorada da mesma forma que as outras áreas curriculares, relacionando-se integralmente com outras aprendizagens, uma vez que a sua articulação permite uma melhor aprendizagem por parte das crianças.

2. O espaço, as técnicas e os materiais

A organização dos espaços adquire uma enorme importância no que concerne à sua ocupação e exploração, cabendo ao educador, proporcionar às crianças espaços com propostas diferenciadas e situações diversificadas que ampliem as suas oportunidades de exploração. Como refere Malaguzzi (1984, cit. por Edwards et al., 2016), o ambiente é visto como algo que educa a criança, sendo na verdade considerado o "terceiro educador" (p.148). A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa de ser flexível, a fim de permanecer atualizado e sensível às necessidades da criança, e deste modo permitir que a mesma seja protagonista na construção de seu conhecimento (Edwards et al., 2016).

Por outro lado, consideramos também que cada espaço é planeado e tem uma intenção de orientar a ação das crianças. De acordo com Barbieri (2012), cada espaço convida a criança a interagir consigo de determinada maneira, ou seja, se o espaço for desorganizado suscitará um tipo de ação, se for um espaço cuidado e planeado, a exploração poderá ser realizada de forma diferente.

Do mesmo modo que, em espaços livres, que não possuem qualquer tipo de material, equipamento ou recurso, como por exemplo um ginásio, ou um salão polivalente ou mesmo um espaço exterior sem nada, as crianças encontram formas de se expressar,

interagir e explorar, não deixando de ser um momento tão importante como os que são espaços pensados e orientados pelo adulto.

A forma como o educador pensa cada um dos espaços (da sala, da escola, ou interior ou exterior) será sempre influenciado pelas suas intencionalidades, pela forma como as crianças usufruem deles e pelas suas opiniões, constituindo-se sempre como um "espaço" que está em constante mudança. Neste sentido, é indispensável que as crianças aproveitem os espaços, usufruindo e expressando opiniões sem restrições. Segundo Barbieri (2012), assume-se que "o ambiente se faz pela ocupação e pelos sentidos que criamos no espaço: a maneira como os materiais estão dispostos, o tempo que ali passamos, as pessoas que o frequentam" (p.50). Assim, é fundamental pensar em espaços que despertem a ação, facilitam os processos artísticos e criativos, a pesquisa e a investigação por parte da criança.

2.1. A importância da diversificação dos suportes, materiais e das técnicas

Tanto para a organização de um espaço como para o planeamento de uma atividade, deverá ter-se em consideração outro aspeto importante que se refere ao facto de haver uma relação prévia da criança com o material que irá ser utilizado, uma vez que existem suportes e materiais que quando são usados simultaneamente, não permitem uma exploração satisfatória por parte da criança. Neste caso, é importante compreender a diferença entre eles. De acordo com (Barbieri, 2012, p. 65), "o suporte é a base para uma ação poética", ou seja, é o sítio em que a criança pode desenhar: papéis, paredes, areia, jornais, tecidos, madeiras, pedras, plásticos, chão, entre outros.

Embora estes tipos de suportes mencionados sejam muito ricos para promover experiências enriquecedoras, foi possível constatar que não são muito explorados pelas crianças. De acordo com a minha experiência profissional, e as vivências e observação nos contextos de estágio realizados, foi possível constatar que as folhas de papel, embora de diversos tamanhos, são o suporte que mais são disponibilizados às crianças. Desta forma estamos a condicionar e a afastar mais as crianças das diversas possibilidades de investigação que a variação de suportes permite. (Bertasi, 2015).

A diversidade de formas, suportes e materiais, desempenham um papel fundamental, e é necessário perceber por parte do educador que todos os recursos, até os

mais inusitados no que respeita à sua utilização nas diferentes intervenções artísticas são válidos, basta perceber qual a potencialidade de cada técnica, material e recurso que se vai oferecer à criança.

Tal como é referido pelas autoras Dubovik & Cippitelli (2020), a multiplicidade de materiais, ao estar ao alcance das crianças, irá promover "uma investigação aberta para explorar, indagar, experimentar e graficar, permitem trocas e interações entre crianças e os materiais, construindo, assim, uma rede de conexões e bastante autonomia" (p.72).

De acordo com La velberg (2013), as crianças possuem capacidade para conhecer meios e suportes diferentes, e essa diversidade cria muitas oportunidades de aprendizagem. Perante estas situações, o educador não deverá oferecer somente os materiais e suportes tradicionais, mas sim, ampliar a sua visão para as potencialidades que outros meios, supostamente improváveis no desenvolvimento de trabalhos na área das artes visuais, possam trazer para o desenvolvimento do seu trabalho com a criança.

Lowenfeld & Brittain (1977) afirmam que "o material só é bom, quando contribui para satisfazer as necessidades da criança e a ajuda a transmitir o que tem em mente" (p.261). Neste sentido, acrescentamos que deverá ser o educador a organizar os materiais disponibilizados às crianças, tendo sempre presente a intencionalidade educativa com que as mesmas os irão utilizar.

Em suma, o educador tem um papel de grande importância na organização dos materiais e dos espaços assim como na promoção de atividades propícias a explorações que suscitem nas crianças interesse e motivação. Segundo Thiago (2000, cit.por Gralik et al.,2014), "é importante oferecer espaços com propostas diferenciadas, situações diversificadas, que ampliem as possibilidades de exploração e "pesquisa" infantis." (p.123). É através da organização dos espaços com intencionalidade educativa que as crianças ampliam a sua autonomia, liberdade e iniciativa.

3. O educador

3.1. O papel do educador na valorização das Artes Visuais

É certo que o educador tem um papel fundamental na aproximação das crianças com as artes visuais, dado que é este que observa os interesses e as necessidades das crianças, planifica atividades de acordo com o que observa, prepara o ambiente educativo

com intencionalidade pedagógica de forma a promover e estimular a criatividade da criança.

Segundo Silva et al. (2016), muitas das aprendizagens das crianças ocorrem espontaneamente, mas apesar disso, num contexto de educação de infância é fundamental que exista uma intencionalidade educativa que "se concretiza através da disponibilização de um ambiente culturalmente rico e estimulante, bem como do desenvolvimento de um processo pedagógico coerente e consistente" (p.9). De acordo com esta ideia, acreditamos que é essencial que o educador considere também, as artes visuais como uma forma primordial para aprender.

Relativamente à intervenção do adulto, os autores Post & Hohmann (2011) mencionam "os educadores apoiam a interação continuada das crianças com materiais e atividades que manifestem interesse, em vez de se centrarem e obrigarem as crianças a interagir com coisas que não lhes despertem o interesse" (p.83), focalizando-se nos pontos fortes das crianças e nos seus interesses. Deste modo, devem promover o envolvimento da criança num ambiente educativo em que disponha materiais diversificados que estimulam os seus interesses e curiosidade, bem como dar-lhe oportunidade de escolher como, com quê e com quem brincar." Assim, a criança desenvolve os seus interesses, toma decisões, resolve problemas, corre riscos e torna-se mais autónoma" (Silva et al., 2016 p.11).

Considera-se importante que a criança possa ver o educador como um adulto a quem possa recorrer quando precisa, por esta razão, é necessário o envolvimento do educador na exploração da criança, de forma a estimular as oportunidades que possam espontaneamente surgir.

Edwards et al. (2016) reforçam a ideia de que o papel do adulto é acima de tudo o de "ouvinte, de observador e de alguém que entende a estratégia que as crianças usam em uma situação de aprendizagem. Tem, para nós, o papel de distribuidor de oportunidades" (p.152). De facto, o papel do educador de infância deverá ser proporcionar experiências relevantes para as crianças, através de trabalho e dedicação diários. A forma como o educador reflete e organiza cada espaço irá refletir-se nas dinâmicas da sua exploração, o educador deverá perceber o que cada espaço tem para oferecer de maneira a conseguir determinar se a exploração do espaço deverá ser feita de forma individual, em pequenos grupos ou em grande grupo. Deste modo, será

imprescindível ter em conta as características individuais das crianças, uma vez que, "É preciso oferecer espaços com propostas diferenciadas, situações diversificadas, que ampliem as possibilidades de exploração e pesquisa "infantis". As crianças realmente ampliam a capacidade de exercitar a autonomia, a liberdade, a iniciativa, a livre escolha, quando o espaço está adequadamente organizado" (Thiago,2000, p.59).

Segundo Sousa (2003), no que diz respeito à intervenção por parte do adulto, quando a criança solicita ajuda durante o desenvolvimento da exploração de uma atividade de artes visuais, a criança "está a fazer-lhe uma solicitação no domínio dos sentimentos, procurando estabelecer uma relação afetiva e não concretamente um apoio técnico no trabalho." Deste modo, o melhor apoio que o adulto pode proporcionar à criança é "dispensar-lhe atenção de forma motivadora, procurando ajudá-la a procurar nas suas vivências outros caminhos expressivos possíveis" (p.174). Assim sendo, é importante que o educador não imponha o que a criança deve fazer, mas sim que esteja disponível, atento, apoiando, estimulando e incentivando as ações educativas que a criança se propõe realizar.

Na perspetiva de Rousseau "se a criança se engana, não deveis corrigir os seus erros; esperai que ela esteja em estado de os ver e de os corrigir por si" Rousseau (s.d, citad. por Gonçalves, 1976, p.15). De acordo com este autor, o educador não deverá corrigir a criança, mas sim, orientar e incentivar a mesma a procurar novas soluções para o seu problema, ocasionando desta forma, que a criança continue motivada na realização do seu produto. Um exemplo claro desta orientação, poderá ser mostrar à criança outras possibilidades, levando a mesma a refletir sobre a sua criação e sobre de que forma poderia melhorá-la.

Numa perspetiva pedagógica consideramos que seja essencial definir as intencionalidades com que encaramos as artes visuais, para que o trabalho com a criança seja pedagogicamente valorizado. O educador deve de estar atento às produções das crianças, deve escutar as suas dúvidas, os seus interesses as inquietações, para que consiga acompanhar os objetivos que a criança pretende atingir na sua produção. Deste modo, o educador tem um papel primordial para o desenvolvimento artistico da criança, ao proporcionar que esta contacte com atividades promotoras de diferentes tipologias de aprendizagem e de diferentes experiências motoras, artísticas e sensoriais.

3.2. Metodologias

Em relação às metodologias utilizadas pelas educadoras cooperantes mencionadas nesta investigação é importante mencionar a Abordagem Reggio Emilia e a High-Scope.

Em primeiro lugar é importante mencionar que esta abordagem pedagógica de Reggio Emilia defende que a criança se pode expressar, demonstrar o que quer, o que sente, o que deseja, através da arte. No entanto, as capacidades das crianças não são exploradas pelo mundo da arte, o que acontece é que arte é o meio utilizado para que, depois, se consiga transmitir outras competências à criança (Edwards, et, al. 2016).

A proposta central desta abordagem pedagógica consiste em desenvolver **"As cem linguagens da criança"**. O poema escrito pelo pedagogo Loris Malaguzzi, (Anexo 1) o grande impulsionador desta abordagem, pode ser entendido como uma metáfora da pedagogia da relação e da escuta, ao mesmo tempo em que ressalta diversas e inúmeras linguagens que mostram uma imagem da criança competente, tal como Rinaldi (2015) refere "vemos em Reggio Emilia as crianças como seres ativos competentes e fortes" (p.235.) Nesta analise, a autora também destaca o importante papel da sociedade, da escola e do professor, na escuta e na ampliação dessas linguagens.

A proposta pedagógica de Reggio, também incluí na sua abordagem criar constantemente uma rede de comunicação, ou seja, diálogos desenvolvidos entre criança-criança, criança-educador e entre educadores" (Rinaldi, 2015, p.235). Estes diálogos são essenciais para que os educadores compreendam que as crianças falam para dizer algo, para comunicar como necessidade básica de qualquer ser humano, e assim, desenvolvem o que chamam de Pedagogia da Escuta, ou seja, as falas são registadas e tornam-se parte da documentação dos projetos, relatórios e diários.

A escuta representa o encontro e o diálogo que honra as crianças e as cem linguagens que potencialmente possuem para encontrar um significado. Representa um chamamento para a ação sensível de ouvir e para o direito de ser ouvido com todos os sentidos (Rinaldi, 2016).

No que diz respeito à abordagem pedagógica High-Scope (2011), a mesma propõe que adultos e crianças partilhem o controlo, reconhecendo que o poder reside na criança,

justificando assim a sua proposta pedagógica, que é através da aprendizagem pela ação, que a criança se constrói. “Quando aceitamos que a aprendizagem vem de dentro, atingimos um balanço critico na educação das crianças” (Hohman & Weikart, 2011, p.1). Esta abordagem defende que o papel do adulto é apoiar e guiar as crianças através das aventuras e das experiências que integram a aprendizagem pela ação. Para tal, o adulto terá de estar envolvido nas suas brincadeiras e nas suas experiências ao longo do dia.

A criança ao viver experiências diretas e imediatas e retirar delas significados através da reflexão, está a construir conhecimentos que as ajuda a dar sentido ao mundo. O poder da aprendizagem ativa vem da iniciativa pessoal, as crianças agem no seu desejo inato de explorar. “colocam questões sobre pessoas, materiais, acontecimentos e ideias que lhes provocam curiosidade e procuram as respostas” (Hohman & Weikart, 2011, p.5). Deste modo, a criança resolve os problemas que interferem com os seus objetivos, criando estratégias para a resolução de problemas que possam surgir.

Este estilo de interação permite à criança expressar os seus pensamentos com liberdade e confiança, determinar a direção e conteúdo de uma conversa e experienciar uma verdadeira partilha no diálogo. “Os adultos apoiam as suas intervenções com encorajamentos de acordo com uma abordagem de resolução de problemas” (Hohman & Weikart, 2011, p.5).

Em relação às artes visuais, esta abordagem defende que as crianças sentem uma necessidade poderosa de construir os seus próprios símbolos como substitutos para os objetos e experiências reais, “ao fazer - de – conta, pintar e desenhar, as crianças constroem os seus próprios textos e imagens e tornam-se conscientes de si próprias como actoras e construtoras de imagens” (Hohman & Weikart, 2011, p.476).

Em suma, em ambas as abordagens pedagógicas, as crianças assumem-se como protagonistas do seu próprio processo de desenvolvimento, tendo o apoio do adulto como metaforicamente um andaime que vai colocando as estruturas para que a criança suba os níveis e cresça autonomamente, com confiança e respeitando o nível de desenvolvimento de cada criança. Privilegiando também as Artes Visuais nos seus currículos como uma área de conhecimento essencial para que seja possível as crianças, “comunicar as suas ideias, seus sentimentos, seu entendimento, sua imaginação e as suas observações por meio de representações visuais” (Edwards, et, al. 2016, p.44)

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo pretendo desenvolver alguns conceitos teóricos relativos à minha investigação, que se orienta essencialmente por um método de investigação qualitativa e de investigação-ação visto que, será a metodologia mais apropriada para esta investigação em contexto de educação de infância. A investigação teve como objetivo geral compreender a importância da diversificação de técnicas, suportes e materiais no que concerne às Artes Visuais em creche e jardim-de-infância. Primeiramente pretendemos identificar nos contextos educativos onde foi efetuado o estágio, se existem espaços e materiais destinados à exploração das artes visuais e se estão acessíveis às crianças para que as mesmas, autonomamente os possam explorar. Em segundo pretende-se identificar e analisar se as propostas de atividades promovidas por parte das educadoras cooperantes incluíam a diversificação de técnicas, suportes e materiais. Durante a intervenção nos locais, pretendeu-se também que as crianças contactassem com técnicas e materiais variados no desenvolvimento das explorações de atividades das artes visuais.

1. Investigação Qualitativa

O presente estudo enquadra-se na investigação qualitativa uma vez que se procurou, numa primeira fase, conhecer e compreender as conceções das crianças acerca do tema, analisar a sua forma de pensar e agir perante a problemática para, posteriormente adequar uma nova metodologia. Esta tipologia é marcada por diferentes metodologias, técnicas e procedimentos.

De acordo com Alves & Azevedo (2010), os investigadores qualitativos obtêm a informação que procuram nos seus estudos e os mesmos fundamentam-se "na capacidade de reflexão e interpretação, na intuição, no rigor e na constante abertura à experiência" (p.52). Bogdan & Biklen (1994) acrescentam que a investigação qualitativa possui cinco características que a definem como:

a) "a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal" (p.47). Os investigadores qualitativos consideram ser essencial

frequentar os lugares de estudo e assim compreender melhor as ações quando são observadas no seu meio natural;

b) "Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens, não de números" (p. 48). Por outras palavras, os dados englobam, notas de campo, transcrições de entrevistas, vídeos, fotografias, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais. De acordo com os mesmos autores, todos os dados recolhidos são analisados com rigor, respeitando a forma em que os mesmos foram registados ou transcritos. A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio, dado que neste tipo de investigação, nada é considerado adquirido e nada escapa à avaliação;

c) Outra característica que a investigação qualitativa apresenta é que os investigadores destacam mais o modo como os processos se desenvolvem, do que propriamente os resultados dos mesmos. Para além disso, quando se está a realizar um projeto de investigação-ação, a maior preocupação dos investigadores é desenvolver os procedimentos e acompanhar os intervenientes nas interações diárias, no sentido de aprimorar a sua investigação, isto é, "os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo, do que simplesmente pelos resultados ou produtos" (p.49).

d) Os investigadores qualitativos analisam os dados de forma indutiva, ou seja, os dados são recolhidos e agrupados à medida que a investigação se desenvolve, de modo a retirar conclusões acerca dos mesmos, contrariamente a recolher dados de modo a confirmar hipóteses previamente estruturadas. Bogdan & Biklen (1994) referem que mesmo que os investigadores qualitativos pretendam elaborar teorias sobre o objeto de estudo, "a direção desta só se começa a estabelecer após a recolha de dados" (p.50);

e) Por último, "O significado é de importância vital na abordagem qualitativa" (Bogdan & Biklen 1994, p.50). Os investigadores não só observam o que é percetível no meio, como também evidenciam a importância dos sentidos dos indivíduos que são objeto de estudo, conferindo-lhes um peso nas conclusões retiradas da investigação.

Em suma, a investigação qualitativa consiste "numa pesquisa sistemática, sustentada em princípios teóricos (multiparadigmáticos) e em atitudes éticas, realizada por indivíduos informados (teorética, metodológica e tecnicamente) e treinados para o efeito" (Amado, 2014, p.15). O objetivo deste tipo de investigações é obter informações

acerca de casos específicos, de modo a compreender os mesmos e implementar estratégias de melhoria.

2. Investigação-Ação

> Eliot (1993) define a Investigação-Acção como um estudo de uma situação social que tem como objetivo melhorar a qualidade de acção dentro da mesma; com Kemmis (1984) a Investigação-Acção não só se constitui como uma ciência prática e moral como também como uma ciência critica; Lomax (1990) define a Investigação-Acção como "uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria"; Bartalomé (2015) define a Investigação-Acção como "um processo reflexivo que vincula dinamicamente a investigação, a acção e a formação, realizada por profissionais das ciências sociais, acerca da sua própria prática. (Coutinho et al., 2009, p. 360)

É importante referir que a metodologia de investigação-ação se insere no âmbito da investigação qualitativa e, por esse motivo, tem bastantes características em comum com este tipo de investigação. Considero relevante destacar as cinco principais características da metodologia de investigação-ação.

Primeiramente, ao implicar todos os intervenientes no processo, podemos considerar que é uma investigação participativa e colaborativa, sendo que o investigador não é um agente externo, mas sim "um co investigador com e para os interessados nos problemas práticos e na melhoria da realidade" Zuber-Skerritt (1992, cit. Coutinho et al., 2009, p. 362). Em segundo lugar, outra característica que este processo de investigação-ação apresenta é de se realizar de "forma prática e interventiva, não se limitando ao campo teórico, descrevendo a realidade em que se situa e intervindo nessa mesma realidade" Cortesão (1998, cit. por Coutinho et al., 2009, p.362). O terceiro ponto refere que a investigação-ação é cíclica, no sentido em que envolve uma espiral de ciclos "nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança, que são implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte" Cortesão (1998, cit. por Coutinho et al., 2009, p.362). Em penúltimo, esta metodologia tem também como característica o facto de ser crítica, pois permite aos intervenientes da investigação pensar sobre o que se pode mudar e provoca uma mudança no ambiente. E em último lugar, a investigação-ação é auto-avaliativa, no sentido em que as modificações são continuamente avaliadas, numa

perspetiva de adaptação e de produção de conhecimentos, tal como é referido por Coutinho et al. (2009).

De acordo com Coutinho et al. (2009) este tipo de investigação pode ser definido como uma família de metodologias de investigação que incluem ação e investigação em simultâneo, "utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão critica" (p.360). A investigação-ação é caraterizada por ser uma metodologia de pesquisa prática e de ser aplicada na resolução de problemas reais. De acordo com Coutinho (2009), existe uma ação que visa a transformação da realidade, sendo que todos os intervenientes participam no processo de forma prática e interventiva.

Aplicar a investigação-ação implica, tal como refere Zuber-Skerrit (1996), citado por Coutinho et al. (2009), "planear, atuar, observar e refletir mais cuidadosamente do que aquilo do que se faz no dia a dia, no sentido de induzir melhorias nas práticas acerca das suas práticas" (p. 363).

O presente estudo insere-se numa abordagem qualitativa e na metodologia de investigação-ação, uma vez que foi observado e identificado um problema, presente nos contextos de estágio e, após uma recolha e análise de dados e uma reflexão detalhada acerca do mesmo, foram implementadas algumas intervenções com o propósito de resolver ou minimizar o problema inicialmente identificado.

3. Procedimentos de Recolha de Informação

No que respeita aos procedimentos e técnicas de recolha e tratamento de dados foi importante determinar os mais adequados, tendo em conta os objetivos e intencionalidades da investigação. Como refere Aires, (2011, p. 24), "a selecção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objetivos do trabalho de campo". Entre as diferentes técnicas e instrumentos, destaco aqueles que considerei serem os mais importantes para esta investigação, reforçando a ideia de que a situação problemática só poderá ser compreendida se existir cruzamento entre todas as informações recolhidas com as diversas técnicas utilizadas e a sua interpretação (Sanches, 2005). Foi priorizada autilização da observação, mais concretamente a observação participante, permitindo o envolvimento da investigadora na rotina diária das crianças, na

realização das notas de campo, as conversas informais e reflexões cooperadas, na elaboração dos registos multimédia, na pesquisa documental, nomeadamente através dos Projetos Pedagógicos e Educativos, dos documentos formais criados pelas educadoras cooperantes tais como os instrumentos de pilotagem, os portefólios e registos de avaliação individual das crianças. Foram ainda realizadas entrevistas às educadoras cooperantes, que se revelaram uma mais-valia na aquisição de informação sobre as conceções das educadoras sobre o tema abordado nesta investigação. Por último, foram realizados os procedimentos de tratamento e análise da informação.

3.1 Observação Direta

A observação é um dos procedimentos mais importante durante o processo de investigação-ação, pois só através dela, direta ou indiretamente, é que podemos recorrer a outras técnicas para recolha de informação. Carmo & Ferreira (2008), referem que um dos seus objetivos é "observar e selecionar informação pertinente (…) a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão" (p.11).

Importa também referir que existem dois tipos de observação, a participante e a não participante. Na observação participante, "o observador tem um envolvimento completo com a instituição, existindo apenas uma pequena diferença discernível entre os seus comportamentos e os do sujeito" (Bogdan & Biklen, 1999, p.125). Ao contrário das observações não participantes, em que "o investigador não participa em nenhuma das atividades do local onde decorre o estudo. Olha para a cena, no sentido literal ou figurativo, através de um espelho de um só sentido" (idem, p.125).

Deste modo, considero que durante esta investigação apenas realizei a observação participante, uma vez que participava intencionalmente nas atividades que eram desenvolvidas com as crianças. Inicialmente foi difícil realizar uma análise crítica sobre o que observava, visto que me encontrava absolutamente envolvida no contexto e com o grupo. Posteriormente, após elaborar a questão de investigação que orienta este relatório, a observação da investigadora foi focada nos objetivos do estudo, continuando atenta a outras situações igualmente importantes.

Como tal, houve o cuidado em observar a forma como os espaços e os materiais da sala se encontravam organizados, as interações das crianças, a sua rotina, as

convivências entre equipa pedagógica. Neste sentido, foram realizadas diversas interações com a equipa de forma a haver uma maior integração e para melhor perceber a sua dinâmica, o que complementou esta observação.

3.2. Notas de Campo

A observação é apoiada nas notas de campo, tal como é referido por Bogdan & Biklen (1994) "O resultado bem-sucedido de um estudo de observação participante em particular, mas também de outras formas de investigação qualitativa, baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas" (p.150). Os mesmos autores também referem que, nos estudos de observação participativa, todos os dados são considerados notas de campo. No seu sentido mais global, este termo refere-se coletivamente a todos os dados recolhidos durante o período da investigação, sendo eles: as notas de campo, transcrições de entrevistas, documentos oficiais, estatísticas oficiais, imagens e outros materiais. (Bogdan & Biklen, 1994).

As notas de campo não deverão ser só utilizadas na observação participante, podemos utilizar as notas de campo em conjunto com outras abordagens, como por exemplo as entrevistas, uma vez que auxiliarão na transcrição de entrevistas gravadas, tal como Bogdan & Biklen, (1994) referem que "o significado e o contexto da entrevista, podem ser capturados mais completamente, se, como suplemento a cada entrevista, o investigador escrever notas de campo extra, ditos antes e depois da entrevista" (p.150). Neste caso, além da transcrição das entrevistas que foram efetuadas, recorremos a notas de campo realizadas no momento das entrevistas onde foram registados alguns aspetos pertinentes, reunindo assim um conjunto de informação pertinente relacionado com as entrevistas.

Relativamente aos conteúdos das notas de campo, estas podem ser definidas como descritivas, nas quais a preocupação é captar uma imagem por palavas do local, ou seja, é descrever o que vemos, sentimos e ouvimos. Podem também ser definidas como reflexivas, sendo que neste caso se apreende mais o ponto de vista do observador, em relação às suas ideias e preocupações, pois é realizada uma reflexão acerca das notas descritas (Bogdan & Biklen, 1994).

Ao longo deste estágio, foram efetuadas notas de campo diariamente com o registo sobre o que se identificava ser mais pertinente e significativo de cada dia. Para além das

notas de campo descritivas, recorreu-se a notas de campo reflexivas sempre que se sentia necessidade de refletir sobre as ocorrências observadas.

3.3. Registos Multimédia

Os registos multimédia, como as fotografias e os vídeos, também podem ser considerados métodos de recolha de informação, uma vez que o investigador pode fotografar e/ou filmar o que lhe parecer importante para desenvolver na investigação.

Importa saber que a fotografia está "intimamente ligada à investigação qualitativa (…) dão-nos fortes dados descritivos" (Bogdan & Biklen, 1994, p.183). Por outras palavras, podemos utilizar este tipo registo de forma a compreender melhor a investigação, pois permitem-nos ter um olhar mais atento ao analisar as imagens ou a visualizar os vídeos.

O registo por fotografia tornou-se uma mais-valia em diferentes momentos desta investigação, no sentido de procurar registar o máximo de aspetos pertinentes, considerando o registo fotográfico, rápido e eficaz para documentar inúmeras situações.

Considera-se ainda importante salientar que a investigadora manteve sempre a espontaneidade dos momentos registados, procurando sempre que a presença da câmara não reprimisse as crianças nem alterasse o seu comportamento.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994), se o estudo tiver como "preocupação central as ocorrências típicas, terá de se encontrar uma forma de minimizar a distorção das rotinas causadas pela presença do fotógrafo" (p.141). De acordo com os autores, o investigador terá de passar despercebido através de uma destas estratégias, familiarizar-se no ambiente ou promover a distração. Ao estar sempre presente e integrado no ambiente, o investigador fotógrafo acaba por deixar de ser um estímulo especial.

3.4. Pesquisa Documental

Para complementar a investigação, recorremos à pesquisa de documentos oficiais, com o objetivo de melhor compreender os princípios orientadores da equipa educativa e pedagógica, e mais especificamente, perceber qual a importância dada à Educação Artística, nomeadamente às Artes Visuais. Deste modo, foram analisados o Projeto

Educativo e o Projeto Pedagógico de ambas as instituições, onde foram realizados os estágios. Segundo Bogdam & Biklen (1994), "Nesses documentos os investigadores podem ter acesso à perspetiva oficial, bem como às várias maneiras de como o pessoal da escola comunica" (p. 180). Estes documentos oficiais revelam-se muito importantes para a recolha de dados qualitativos e quase sempre se encontram disponíveis para o investigador.

3.5. Entrevista Semiestruturada

Segundo Morgan (1988), cit. por Bogdan & Biklen,1994), "Uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais que duas pessoas" (p.134). A entrevista é "um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos" (Amado, 2014, p.207). Segundo o autor, a entrevista é um meio de transferência de informação do entrevistado para o entrevistador, sendo esta uma "conversa intencional orientada por objetivos precisos" (idem, p.207).

As entrevistas variam segundo o grau de estruturação, podem ser definidas de diferentes formas, podem ser entrevistas abertas/não estruturadas ou entrevistas semiestruturadas ou semidiretivas. Durante a investigação foram realizadas entrevistas semiestruturadas às educadoras cooperantes, tanto da valência de creche como da valência de jardim de infância.

A entrevista semiestruturada caracteriza-se por questões que derivam de um plano prévio, ou seja, é elaborado um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial de que se pretende obter (Amado, 2014). Este tipo de entrevista é visto como um dos principais instrumentos de natureza qualitativa e, de acordo com Amado (2014), não existe uma imposição rígida de questões, dando oportunidade ao entrevistado de discorrer sobre o tema proposto, salientando o que para ele for mais relevante.

Portanto, a entrevista semiestruturada foi utilizada como "principal meio de recolha de informação que tem o seu mais direto apoio nos objetivos da investigação" (Amado, 2014, p.211). Posto isto, este tipo de entrevista consiste numa técnica capaz de provocar uma espécie de introspeção nos entrevistados, isto porque existe desta forma um

envolvimento, não só nos discursos, mas também acedemos às suas opiniões, atitudes, recordações, ideais, valores, o que permite perceber o que faz a pessoa comportar-se de determinada forma (Amado, 2014). Segundo Bogdan e Biklen (1994), a entrevista permite "recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo" (p.134).

Este tipo de entrevista deve ser utilizado em conjunto com outras técnicas de recolha de informação. Bogdan e Biklen (1994) sugerem que, "a entrevista pode ser utilizada como a estratégia dominante de recolha de dados ou em conjunto com a observação participante, com a análise de documentos e com outras técnicas." (p.134).

Deste modo, após serem analisadas todas as opções, foi realizada uma entrevista semiestruturada às educadoras cooperantes dos contextos, com o objetivo de recolher informações mais pormenorizadas sobre as suas conceções e informações acerca da problemática estudada.

4. Procedimentos de Tratamento e Análise da Informação

Após a recolha de informação, torna-se fundamental tratá-la e analisá-la de modo a compreender as inferências significativas que se podem retirar.

É possível definir a tarefa analítica, ou seja, "a tarefa de interpretar e tornar compreensíveis os materiais recolhidos" (Bogdan & Biklen,1994, p.205), como um processo de organização sistemático das informações recolhidas como a transcrição das entrevistas, notas de campo e outros materiais.

A análise de dados, tem o objetivo de "aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais." (Bogdan & Biklen,1994, p.205). De acordo com os mesmos autores envolve "o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões e descoberta dos aspetos importantes" (p.205), sendo que este trabalho de organização, servirá para apresentar o que se transmitirá aos outros.

Este processo, para o investigador inexperiente, tal como é o meu caso, será mais facilitador se, "utilizar estratégias referentes ao modo de análise no campo de investigação, deixando a análise mais formal para quando a maior parte dos dados tiverem sido recolhidos" (Bogdan & Biklen,1994, p.205).

O tratamento e análise da informação recolhida foi fundamental para compreender conceções acerca do tema desta investigação, bem como para encontrar melhorias a realizar nas intervenções e também para refletir acerca do que foi observado e experienciado ao longo dos momentos de estágio.

Deste modo, foi analisada toda a informação, recolhida através das técnicas mencionadas anteriormente e foram organizadas e selecionadas as informações mais relevantes para compreender um pouco mais o objetivo de estudo. Considerando importante referir que, em relação às entrevistas realizadas às educadoras cooperantes organizando as respostas através de categorias, tendo em conta as questões realizadas, com o objetivo de facilitar a sua análise (Apêndice D).

CAPÍTULO III – CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS DE ESTÁGIO

No presente capítulo, são descritos os contextos de estágio onde foi realizada as intervenções. No que respeita ao ano letivo 2023/2024, apenas foram recolhidos dados e/ou vão ser mencionadas as variantes e invariantes que dizem respeito à valência de Jardim de Infância. Importa salientar que este imprevisto se deveu ao facto da educadora cooperante da valência de Creche se encontrar de baixa médica e, por esse mesmo motivo, não ter sido possível regressar a este contexto (ver tabela). No que diz respeito ao contexto de jardim-de-infância, a sala foi a mesma nos dois momentos de estágio, mudando somente o nome.

Tabela 1 - Organização dos momentos de estágio

	Momentos de estágio	Contexto	Duração
Ano letivo 2022/2023	Estágio em Educação de Infância I	Instituição **A** Creche Sala dos Peixinhos Grupo de 15 crianças Faixa-etária: 24 aos 36 meses	07 novembro 2022 a 18 janeiro 2023 (10 semanas)
	Estágio em Educação de Infância II	Instituição **B** Jardim de Infância Sala das Conchas Grupo de 22 crianças Faixa- etária: 4 aos 6 anos	13 março 2023 a 07 junho 2023 (10 semanas)
Ano letivo 2023/2024	Estágio em Educação de Infância III	Instituição **B** Jardim de Infância Sala Azul Grupo de 19 crianças Faixa- etária: 4 aos 6 anos	09 outubro 2023 a 03 novembro 2023 (4 semanas)

Consideramos importante referir que, de modo a respeitar as questões éticas, será mantido o anonimato de todos os intervenientes preservando a sua identidade. Sendo assim, a valência de Creche será referida como instituição A e a valência de Jardim-de-Infância como instituição B. As informações referentes a cada contexto foram obtidas através da observação, de registos multimédia, da pesquisa documental em documentos

institucionais e também através das entrevistas semiestruturas e de conversas informais com as educadoras.

1. Contexto de Creche - Instituição A

A instituição onde efetuei o primeiro momento de estágio em Creche, está sediada em Setúbal e trata-se de uma IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social. Fundada em 1979, é uma das maiores Instituições do país e desenvolve a sua atividade na área da ação social. Esta apresenta como missão contribuir para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar das pessoas, ao conceder bens e prestar serviços, através das diversas respostas, promovendo a inclusão e privilegiando os mais carenciados.

Quanto à sua infraestrutura, a área de crianças e jovens é composta por três pisos. O piso 1 é composto por um corredor paralelo às três salas de atividade de C.A.T.L. bem como a sala de apoio ao estudo. O mesmo corredor culmina no átrio de jardim de infância, sendo três salas que fazem parte desta valência. No piso 2, situa-se a área de jovens, com diversos ateliers e gabinetes. O piso 0 é composto por um átrio constituindo-se como a divisão principal de acesso à instituição e, como tal, tem uma grande afluência de encarregados de educação e de crianças assim como de funcionários. É neste piso que se encontra o corredor de entrada para a creche, que dá acesso às três salas que a compõe, nomeadamente a sala dos Índios, com idades compreendidas entre os 5 aos 12 meses, ao lado encontra-se a sala dos Coelhinhos, dos 12 aos 24 meses, seguindo-se a sala onde foi efetuado o estágio, que compreende crianças com idades entre os 24 aos 36 meses, denominada por sala dos Peixinhos.

1.1. Caracterização do grupo de Crianças

O grupo com o qual foi realizado o estágio pertencia à sala dos Peixinhos e era composto por 15 crianças, com idades compreendidas entre os 24 e 36 meses, sendo que sete eram do sexo masculino e oito do feminino. Relativamente às origens do grupo, este era na sua totalidade de nacionalidade portuguesa.

As crianças demonstraram interesses diferentes, sendo que os mais velhos têm tendência para preferir propostas de exploração de jogo simbólico e desafios motores. Os mais novos são mais calmos, mas ativos e têm bastante interesse em interagir com os

brinquedos/materiais da sala e na sua exploração sensoriomotora. Globalmente, pode-se caracterizar este grupo como sendo crianças ativas, muito curiosas e participativas nas atividades propostas. Para além destas características é de salientar as relações sociais desenvolvidas entre as crianças. Em conversa informal com a Educadora, referi que era muito interessante observar e constatar a preocupação que crianças tão pequenas manifestavam umas pelas outras. Perante esta afirmação, a educadora salientou que, algo que se desenvolve desde cedo é a empatia entre as crianças, o que promove o relacionamento entre pares, expressando o afeto, demonstrando preocupação e solidariedade entre o grupo.

1.2. Equipa (Educativa e Pedagógica)

Focando na valência de creche, a equipa educativa contava com três educadoras de infância, e cinco ajudantes de ação educativa, ou seja, uma educadora por cada sala/grupo de crianças, duas auxiliares de ação educativa na sala de berçário, duas auxiliares na sala de creche e por fim, uma auxiliar na sala onde decorreu este estágio.

A equipa pedagógica era composta pela Educadora de Infância, e contava com o apoio de uma Auxiliar de Ação Educativa, sem formação na área, mas com uma longa experiência. O trabalho em equipa é um processo interativo, tal como é referido por Hohmann & Weikart (2011) "o trabalho de equipa é um processo de aprendizagem pela ação que implica um clima de apoio e respeito mútuo" (p.130). Desta forma, torna-se fundamental que exista um clima de apoio, confiança e cooperação entre equipa. Esta relação entre equipa permitia estabelecer e manter contextos de aprendizagem ativa para as crianças.

Embora não houvesse disponibilidade para a equipa reunir regularmente, ao longo do dia a educadora, de uma forma informal, partilhava as suas intencionalidades e também as atividades a desenvolver. Deste modo, a auxiliar da sala poderia acompanhar as intencionalidades educativas por parte da educadora, tal como foi possível observar:

Educadora A:

Repara D.! Olha que eles estão a fazer! (um pequeno grupo de crianças tapavam-se e destapavam-se com a coberta dos catres empilhados). Auxiliar*: Olha! Estão*

a brincar às escondidas? Educadora: *Vamos aproveitar esta brincadeira e trabalhar o dentro e fora,* (sentido espacial) *com as tendas.*

(Nota de campo, 11 de novembro de 2022).

Em relação aos princípios orientadores do trabalho em creche, a Educadora Cooperante orientava a sua prática educativa sob a Abordagem High-Scope devido ao facto de representar aquilo que mais acredita, ou seja, que as crianças descobrem nas suas aventuras diárias de aprendizagem ativa. "À medida que exploram e brincam ganham o sentido de si próprio (…) estabelecem relações sociais (…) envolvem-se em representações criativas (…) descobrem como o movimento e a linguagem funcionam (…) exploram objetos (…) constroem conceitos" (Post & Homann 2011, p.12).

1.3. Projeto (Educativo e Pedagógico)

O Projeto Educativo da Instituição A (2020/2023) tem como tema "Gerações Entrelaçadas" e o seu objetivo geral é a promoção de cooperação e intercâmbio intergeracional. Esta temática alusiva ao desenvolvimento da intergeracionalidade, surgiu da oportunidade que existe em promover o contato entre idosos e crianças dentro da própria Instituição, visto que também é composta pela valência de Centro de Dia, onde são promovidos cuidados e apoio a idosos.

Esta promoção é realizada com o contato da área dos idosos, com visitas frequentes, convívios, como por exemplo a comemoração do Dia Internacional da Terceira Idade e o Dia da Criança, incluindo nestas visitas experiências lúdicas e sensoriais, desenvolvidas também nas salas de creche que envolvam os idosos, respetivas famílias e também familiares das crianças. No conjunto destas dinâmicas procuram também que as famílias possam sentir-se parte integrante no convívio com os idosos e no processo educativo das crianças.

O Projeto Pedagógico foi elaborado em articulação com o Projeto Educativo da Instituição. De acordo com o mesmo" Espera-se desenvolver o ímpeto exploratório, bem como as capacidades sociais e comunicacionais entre gerações" (Projeto Pedagógico 2020/2023, p.2).

Neste sentido, prossupõe-se um trabalho articulado com a equipa educativa, famílias e idosos da Instituição, no sentido de proporcionar, através das vivências da creche, um sentimento de segurança e de autoestima.

1.4. Organização das Rotinas, Espaços e Materiais

As rotinas da instituição eram flexíveis, existia uma planificação equilibrada do dia-a-dia, mas que podia ser ajustada sempre que necessário, com o objetivo de respeitar o ritmo de cada criança e as suas necessidades. A rotina da Sala dos Peixinhos estava organizada da seguinte forma:

Tabela 2- Rotina da Instituição A

Horário	Momento da rotina
7h30	Acolhimento
09h	Momento de reunião no tapete
9h20	Atividades livres ou orientadas/ exterior
11h	Tempo de arrumar e higiene
11h30	Almoço
12h30	Higiene e tempo de preparação para sesta
13h	Tempo de repouso
15h	Higiene
15h30	Lanche
16h	Atividade livres em sala ou exterior
18h	Prolongamento/brincadeira livre

As rotinas do grupo, tanto no momento da manhã como da tarde, iam ao encontro dos interesses das crianças e das suas necessidades, visto que, e de acordo com Hohmann & Weikart (2011)" A rotina diária oferece um enquadramento comum de apoio às crianças à medida que elas perseguem os seus interesses e se envolvem em diversas atividades" (p.224).

Nos momentos de exploração livre, as crianças tinham a oportunidade de escolher os materiais e/ou brinquedos que queriam explorar, contando sempre com o envolvimento do adulto que apoiava as suas brincadeiras e promovia o diálogo, potenciava as suas descobertas e explorações. Estes momentos de exploração livre eram fundamentais e privilegiados para o desenvolvimento das crianças, proporcionando tempo para que estas pudessem expressar as suas intenções (Hohmann e Weikart, 2011). As atividades dirigidas pela Educadora cooperante, contavam sempre com o apoio da Auxiliar de Ação

Educativa. Foi possível verificar que as propostas foram sempre bem aceites pelas crianças, constituindo-se como um grupo de crianças bastante curioso e ativo.

Em relação ao espaço, consideramos importante referir que esta sala é, simultaneamente um espaço de atividades, de refeições, de higiene e de repouso. Desta forma, o material e mobiliário é adaptado e organizado de forma a permitir uma maior extensão da sala. O ambiente da sala era bastante acolhedor, cuidado e centrado nos interesses das crianças. Como a sala dispõem de um espaço amplo, fornece liberdade e segurança para as crianças se deslocarem livremente.

De acordo com as intencionalidades educativas da Educadora, apoiadas na abordagem High-Scope, as linhas orientadoras para a organização dos espaços e materiais são: proporcionar ordem e conforto a crianças e adultos; potenciar a abordagem sensoriomotora; privilegiar a flexibilidade do espaço, para que deste modo, o ambiente atenda às necessidades e interesses das crianças. (Post & Hohmann, 2019).

No que diz respeito à organização do espaço, a sala está dividida por áreas, sendo a área da casinha o local de eleição da maioria do grupo para as suas brincadeiras. A mesma continha bastantes materiais desta categoria como por exemplo: pratos; copos; tachos; panelas; talheres, etc. A casa de banho encontrava-se dentro da sala o que era um elemento facilitador para o seu uso, promovendo a autonomia das crianças.

No que concerne a área das Artes Visuais, não existe um espaço predefinido, a não ser um móvel de arrumação que continha alguns materiais riscadores, folhas e tintas, que se facultava às crianças quando estas desejavam fazer um desenho. Esta área foi considerada pouco potenciadora de exploração, porque o material não estava ao alcance das crianças, e não havia variedade do mesmo, como é possível observar na Figura 1.

Figura 1- Área das Artes Visuais do primeiro momento de estágio

Segundo Epestein & Hohmann (2019) "Os materiais são dispostos para promover a manipulação, o uso direto dos materiais pelas crianças, em vez de estarem somente dispostos para demonstração" (p.179). Gonçalves (2023), refere-se a esta questão como uma regra a ser cumprida, "o livre acesso aos materiais, têm de estar acessíveis às crianças para que as utilizem sem precisarem do apoio do adulto" o autor defende ainda que, esta organização do espaço potencia as capacidades criativas das crianças, e isso depende mais do educador de infância do que as circunstâncias ou limitações dos contextos (p.41).

Cabe ao educador/a organizar o espaço de forma a torná-lo acessível para que as crianças o explorem com autonomia, prevendo e antecipando o que querem fazer, mediante os materiais que lá se encontram. Quando os objetos e materiais estão permanentemente acessíveis, as crianças podem concentrar-se no processo e nas interações relativas às atividades que escolherem (Epestein e Hohmann, 2019).

Posto isto, houve necessidade de conversar com a educadora cooperante, no sentido de a questionar sobre se as crianças tinham contato com outros tipos de materiais e se desenvolviam atividades de artes visuais aplicando técnicas e materiais diversificados.

Educadora: *Sim! É muito importante que haja essa diversificação, no entanto, como as crianças ainda se encontram em processo de adaptação à sala, aos materiais, aos seus pares, e mesmo à própria equipa, e por isso, ainda não introduzi essa estratégia de variação de materiais e técnicas.*

(Nota de campo, 14 de novembro de 2022).

Considerando que é importante que as crianças tenham acesso a materiais diversificados, pois tal como é referido por La velberg (2013) "Uma criança com diversos tipos de materiais à sua escolha pode tomar muitas decisões. (…) sabendo o que ela tem para trabalhar, terá um espectro mais amplo de ações possíveis que podem alimentar a criação". (s.p) No que concerne ao material não estar acessível por parte das crianças, conseguimos compreender porque a educadora referiu ser uma situação pontual, devido ao processo de adaptação das crianças ao espaço/ambiente da sala. Após este tempo, organização do espaço, nomeadamente a área das Artes Visuais, iria ser alterado para facilitar a acessibilidade e seleção dos materiais por parte das crianças e deste modo promover a exploração livre da área.

2. Contexto de Jardim de Infância – Instituição B

A sala de Jardim-de-Infância onde foi efetuado o estágio, foi a mesma nos dois momentos de estágio, desenvolvendo-se em dois anos letivos contíguos. O primeiro momento de estágio em Jardim-de-Infância decorreu no período de 27 março a 6 junho, enquanto o segundo momento teve a duração de quatro semanas e decorreu no período de 06 setembro a 04 de novembro no ano de 2023.

A Instituição B que pertence à rede pública situa-se em Setúbal e dispõe de uma oferta educativa que abrange as valências de Educação Pré-Escolar, e de 1ºCiclo do Ensino Básico. Esta instituição funciona no horário das 9h às 15h30, à exceção das crianças que usufruem dos prolongamentos no período da manhã e/ou da tarde. Apenas nestes casos, essas crianças podem permanecer mais tempo na instituição.

A Instituição B é composta por dois pisos, sendo que no rés-do-chão existem duas salas de Jardim de Infância e a sala do primeiro ano do 1º Ciclo. Este piso também conta com o refeitório, o ginásio, sala de professores/educadores e o gabinete da coordenação. No primeiro andar, encontram-se as salas do segundo, terceiro e quarto anos do 1ºCiclo, e também uma sala de jardim-de-infância e a biblioteca escolar.

A Sala 2, denominada como Sala das Conchas no primeiro estágio, viu o seu nome ser alterado no segundo momento de estágio para Sala Azul.

No que concerne à estrutura da sala, esta apresenta boas dimensões e uma organização espacial que facilita às crianças uma circulação fluída entre áreas, bem como

possibilita a visualização de todo o espaço. De acordo com as intencionalidades educativas da educadora cooperante, apoiadas na abordagem de Reggio Emilia, "O ambiente é visto como algo que educa a criança" (Edwards et al. 2016, p.148).

Segundo a educadora cooperante, a organização dos espaços deve ser estimulante, desafiante e acolhedora, para a criança se sentir autónoma e confortável nas suas explorações.

2.1. Caracterização do grupo de Crianças

O grupo da Sala da Conchas com o qual estagiei no 1º momento de estágio, era constituído por 22 crianças. No que diz respeito ao género, existia um maior número de crianças do sexo feminino do que do sexo masculino, ou seja, treze raparigas e nove rapazes. As idades das crianças variavam entre os quatro e os seis anos. Relativamente às origens do grupo, este apresentava diversidade cultural, pois havia três crianças de naturalidade ucraniana uma de origem cabo-verdiana.

No 2º momento de estágio, o grupo da Sala Azul, era constituído por 19 crianças, o grupo era composto por doze raparigas e sete rapazes, sendo que seis das crianças já estavam inseridas no grupo desde o ano anterior, doze crianças ingressaram neste grupo vindos de outras instituições, e, por último, uma das crianças ingressou pela primeira vez em um contexto educacional.

2.2. Equipa (Educativa e Pedagógica)

A equipa pedagógica no 1º momento de estágio, era composta pela Educadora e três Assistentes Operacionais, no entanto, devido ao facto de uma das assistentes se encontrar em reabilitação, devido a um acidente de trabalho, havia mais uma colega a apoiar. No 2º momento de estágio, a situação acima descrita já não se colocava, e a equipa passou a ser composta pela Educadora e duas Assistentes Operacionais, que apoiavam a Educadora nos vários momentos do dia.

A cooperação entre a equipa era notória, na realização das variadas tarefas do dia a dia e no acompanhamento da rotina diária das crianças. Este clima de colaboração e respeito mútuo apoiava a educadora, não só a operacionalizar as intencionalidades

educativas com o grupo através da dinamização de propostas de atividades, mas também no que concerne à promoção do bem-estar geral das crianças.

Em relação aos princípios orientadores do trabalho em Jardim de Infância, a educadora cooperante orientava a sua prática educativa sob a abordagem Reggio Emilia, partindo da Pedagogia da Escuta que consiste em observar e registar os interesses da criança. Segundo Araújo et al. (2016), é entendido que "as crianças falam para dizer algo, para se comunicar, como necessidade básica de qualquer ser humano, e desenvolvem o que chamam de Pedagogia da Escuta" (p.31). Edwards et al. (2016) referem que "O papel do adulto é acima de tudo o de ouvinte, de observador e de alguém que entende a estratégia que as crianças usam em uma situação de aprendizagem" (p.152).

Focando na valência de Educação Pré-Escolar, a equipa educativa era composta por quatro educadoras de infância e seis assistentes operacionais, ou seja, uma educadora e duas assistentes operacionais para cada sala/grupo de crianças. A equipa educativa ainda era reforçada por uma educadora de Infância de apoio que foi contratada para substituir as educadoras titulares que gozam o artigo 79, substituição que acontece dois dias por semana, sendo que nos restantes três dias a educadora apoia nas salas conforme as necessidades dos grupos de crianças e das educadoras. A equipa conta ainda com um professor de expressão físico-motor, um professor de música, e uma professora que pertence ao projeto da Biblioteca Escolar (responsável pelas sessões realizadas quinzenalmente na biblioteca da instituição).

2.3. Projeto (Educativo e Pedagógico)

Visto que a Instituição B pertence a um agrupamento de escolas, o Projeto Educativo estende-se a todas as instituições, que fazem parte do agrupamento. O Projeto Educativo do agrupamento da Instituição B tem como tema "Escola Azul, Local de encontro entre a cidade, a Serra, o Rio e o Mar…"

A Escola Azul é um programa educativo do Ministério da Economia e Mar que tem como missão promover a literacia do oceano na comunidade escolar e criar gerações mais responsáveis e participativas, que contribuam para a sustentabilidade do oceano. Este programa tem como objetivo "estimular a comunidade escolar a compreender a influência do oceano em nós e a nossa influência no oceano." (Projeto Educativo da Instituição B, 2019/2023, p.29).

No projeto Pedagógico da Sala Azul, é possível verificar que uma das intenções da educadora cooperante é desenvolver a educação para a cidadania "A construção de uma cidadania só faz sentido sobre um quadro de referências, de valores, de princípios de solidariedade, de direitos e de partilha" (Projeto Pedagógico da Sala Azul, 2022/2023, p.6). Além do mais, é possível verificar uma referência à intenção de desenvolver com as crianças a valorização das diferentes culturas e o reconhecimento da diversidade como algo que pode enriquecer as relações interpessoais, fundamentais à autonomia da criança e ao respeito pelo *outro*. Tal como é referido no Projeto Pedagógico da Sala Azul, 2021/2023, "É a partir da construção do seu "eu" em interação com o "outro" que a criança adquire a sua competência social." (p.6).

2.4. Organização das Rotinas, Espaços e Materiais

No que diz respeito à rotina, não foi identificada nenhuma variante em relação aos dois momentos de estágio, a educadora cooperante manteve a sequência de acontecimentos e também não alterou a forma de intervenção nos momentos de desenvolvimento de atividades/momentos do dia, mais significativos, como por exemplo o acolhimento dos bons dias.

A rotina era bastante flexível e as atividades planeadas poderiam sofrer alteração se assim fosse o desejo das crianças, tal como foi referido anteriormente, a educadora apoia a sua prática no interesse que a criança demonstra. A rotina estava organizada da seguinte forma:

Tabela 3- Rotina da Instituição B

Horário	**Momento da rotina**
9h-9h30	Reunião de acolhimento
9h30-10h45	Atividades orientada/livre ou brincadeira
10h45-11h	Lanche
11h – 11h40	Momento de brincadeira no exterior
11h40-12h	Momento de higiene
12h-13h	Almoço
13h-13h40	Momento de brincadeira no exterior
13h40-14h	Momento de higiene
14h-15h20	Atividades orientadas ou livres
15h20-15h30	Lanche

Epstein & Homann (2019) argumentam que "Uma rotina diária consistente permite à criança o tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver os problemas que vão surgindo no contexto dos acontecimentos" (p.224). A rotina da sala Azul, tem vários momentos significativos, sendo bastante flexível. As atividades planeadas poderiam até ser alteradas por sugestão das crianças ou de outro fator emergente, como foi possível constatar. A educadora aplicava um currículo emergente no sentido de adequar as suas propostas, sempre ao encontro dos interesses das crianças.

A educadora privilegia a flexibilidade de acordo com as necessidades com as quais se vai deparando ao longo do dia. No entanto, existiam alguns momentos da rotina em que esta flexibilidade ficava comprometida, como foi o caso das sessões quinzenais de música e da biblioteca escolar, e das sessões de físico-motor que ocorriam semanalmente.

No período da manhã, no momento de atividades livres e/ou orientadas, as crianças escolhiam livremente quais as áreas que queriam explorar, e se houvesse um projeto a desenvolver seria também neste período da manhã que o realizavam. No período da tarde, após o regresso à sala, as crianças reuniam-se em grande grupo, iniciava-se uma conversa com as crianças explicando como iria decorrer o momento da tarde ou planeava-se com a sua ajuda, pedindo a sua participação para a tomada de decisão em grupo. Após este momento, existiu várias possibilidades de atividades a realizar, sendo que, quando existiam atividades orientadas, a educadora dinamizava as mesmas no momento da tarde, tal como acontecia no período da manhã. Ocasionalmente, as crianças escutavam uma história contada pela educadora e procediam à sua exploração

Em relação ao espaço, a Sala Azul apresenta-se como muito ampla, existindo uma parede composta com janelas, o que faz com que a luz natural incida na sala, promovendo um ambiente bastante caloroso e agradável. A sala encontrava-se disposta por áreas e com espaço reservado para a arrumação de materiais. De acordo com o que foi observado, a sala apresentava-se com um espaço estimulante, existindo diversos materiais disponíveis e de fácil acesso para as crianças. Em relação à área total da sala, encontrava-se bem dividida pelas áreas existentes, dando o melhor aproveitamento à sua dimensão. Corroborando com esta afirmação Horn (2014) refere "O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma conceção pedagógica" (p.15). A Educadora

considera que todos os espaços são potenciadores do desenvolvimento, dependendo também da intencionalidade com que escolhemos usar os espaços.

Relativamente às variantes que encontrei do primeiro momento para o segundo, esta mudança diz apenas respeito à disposição dos móveis e à mudança da localização de algumas áreas.

No 1º momento de estágio, no que concerne aos materiais, o grupo tinha ao seu dispor, um cavalete que permitia que as crianças realizassem a pintura vertical, um móvel com prateleiras que albergava uma grande quantidade e diversidade de materiais riscadores e diferentes tamanhos de folhas que se encontravam à disposição e ao alcance das crianças. Este espaço permitia que as crianças o usufruíssem autonomamente sempre que desejassem realizar uma atividade de expressão gráfico-plástica.

A variante identificada, não está relacionada com os materiais, mas sim com o espaço. A área das artes visuais foi transferida para outro local na sala, primeiramente encontrava-se junto a uma das janelas, suavizando o ambiente, permitindo incidir a luz natural as crianças tinham a oportunidade de ver a luz natural a refletir nas suas produções.

Figura 2- Área das Artes Visuais no segundo momento de estágio

No 2º momento de estágio, esta área encontrava-se junto a um móvel e à porta de entrada, o que dificultava a sua utilização sem haver interrupções, pois cada vez que alguém entrava na sala, as crianças tinham de se desviar para permitir a entrada ou saída, interrompendo a atividade que estavam a desenvolver, nomeadamente a pintura sobre cavalete. Outro constrangimento identificado foi o acesso aos materiais. Como houve

uma mudança de móveis, o material destinado a esta área já não se encontrava tão acessível, como no 1ºmomento de estágio.

Ao refletir sobre esta questão, a educadora cooperante explicou que também partilhava da mesma opinião, e que a localização da área das Artes Visuais, no ano anterior, encontrava-se mais bem organizada e localizada.

Educadora: *"Sabes, esta sala tem tantos armários de arrumação que é complicado fazer a melhor organização do espaço."*

Estagiária: *"E não pode colocar algum dos armários noutro espaço da instituição? E assim ficar com mais espaço livre na sala."*

Educadora: *"Não é fácil, a coordenação destina os armários a determinadas salas. Pelo menos enquanto as sementes estão a germinar, fica assim, depois logo mudo outra vez."* (Nota de campo, 16 de outubro de 2023)

A intencionalidade desta mudança foi de promover a área da natureza, que era constituída por seres-vivos e elementos naturais, tal como plantas, flores e sementes em fase de germinação, e como tal, esta área foi privilegiada porque necessita da exposição solar, promovida pelas janelas onde se encontrava anteriormente a área das artes visuais.

CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS INTERVENÇÕES

Neste capítulo, irei apresentar as minhas intervenções nos diferentes contextos de estágio, refletindo sobre os resultados e e interpretando sobre cada intervenção, neste âmbito são duas em contexto de creche e duas em contexto de jardim-de-infância. Com o intuito de determinar a posição das intervenções realizadas, considero importante lembrar que a questão de investigação sobre a qual esta pesquisa se sustenta é**: "Como potenciar a exploração das Artes Visuais em contexto de Educação de Infância?".**

O primeiro estágio, realizado em creche no contexto A, influenciou a decisão da escolha do tema a desenvolver, porque ao início e pelas minhas observações, as atividades propostas eram repetitivas e o material não era diversificado, tal como já foi mencionado anteriormente. Apesar desta situação observada, antes de ter iniciado o estágio já tinha a ideia da temática que gostava de abordar, de qualquer forma foi importante perceber a sua pertinência no contexto de estágio.

Considero que, foi através da observação e compreensão dos grupos de crianças, das suas características e interesses, que tive a possibilidade de planificar atividades significativas que, ao mesmo tempo, se enquadram no tema do presente relatório de investigação. Foi também essencial, nos primeiros momentos de estágio compreender a recetividade que as educadoras cooperantes tinham no que diz respeito à realização destas intervenções.

Tal como já referi anteriormente, no primeiro estágio, que decorreu no contexto de creche, verifiquei que a área das Artes Visuais era pouco potenciadora da sua exploração no que concerne aos materiais dispostos além de serem pouco diversificados não estavam acessíveis às crianças. Em conversa informal com a educadora cooperante, sobre esta situação observada, a educadora cooperante referiu que as crianças ainda se encontravam em fase de exploração do ambiente, pois a permanência nesta sala só se tinha dado há um mês e meio e não sentia necessidade de introduzir essa variação de material e de técnicas, uma vez que o grupo ainda se encontrava na fase de exploração e apropriação do espaço/ambiente da sala. O facto de estar a estagiar com crianças pequenas, aumentou a minha insegurança em implementar estratégias de diversificação de técnicas e materiais, devido a este processo de adaptação em que as crianças se encontravam, e por não ser ainda uma prática da própria educadora. Apesar deste receio, intervim de modo a proporcionar momentos de contato com materiais diversificados,

implementando atividades alternativas ao que tinha sido desenvolvido até à data, procurando sempre junto da educadora perceber se concordava com as minhas propostas.

1. Intervenções em contexto de creche

Como referido anteriormente no contexto de creche as oportunidades de as crianças terem contato com a exploração de materiais e técnicas diversificadas na área das artes visuais, não foram muito visíveis nas primeiras semanas de estágio. Por esse motivo, as intervenções tiveram como objetivo principal proporcionar o contato com materiais diversificados e, como suporte pretendia-se que houvesse alternativas ao papel de cenário usualmente facultado para as crianças pintarem. Deste modo, e como no início do estágio houve uma partilha de informação com a educadora cooperante sobre as temáticas que se estavam a desenvolver com as crianças, esta mencionou que tinha iniciado um projeto que incluía a promoção de experiências sensoriais. Durante cinco semanas seguidas foram trabalhados cinco sentidos, ou seja, cada semana correspondia a um dos sentidos. Ao refletirmos sobre o tema, rapidamente percebemos que o objetivo continuava a ser o mesmo: Como potenciar a exploração das Artes Visuais. Deste modo, uma das minhas intervenções ajustou-se ao tema do projeto, que assentou em promover uma atividade em que se diversificasse os materiais, mas que incluísse o tema do projeto, neste caso o sentido explorado foi o olfato.

1.1 Pintura Aromática

A primeira intervenção foi planificada e apresentada à educadora cooperante com antecedência para que a mesma tivesse conhecimento do que eu pretendia realizar e conseguisse ajudar-me, quer na adequação da proposta, na implementação como também na reflexão final. A intervenção ocorreu no dia 28 de novembro de 2022, durante o período da manhã, pelas 10h e teve uma duração aproximada de 30 minutos, com a participação de oito crianças, quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

Antes do início das atividades procedeu-se à preparação dos materiais e do espaço e não foram necessárias grandes mudanças no espaço, apenas a mesa de refeições e o tapete, local onde iria ser dinamizada a história.

Deu-se início à primeira fase da intervenção, a leitura da história "O Piquenique do Pedrito" cuja autora é Beatrix Potter. Esta história aborda como tema uma família de coelhos que vive perto de uma horta, que certo dia decidem ir explorar e colher alguns

legumes da horta para o seu piquenique, sentindo todos os aromas que lá existem. Este livro também apresenta uma característica na qual eu me apoiei para potenciar a sua exploração, é um livro pop up, que se torna tridimensional. As imagens 3D são formadas por dobras do papel que se transformam em cenários, observando-se personagens ou objetos da história narrada.

Previamente polvilhei as páginas com algumas especiarias, como o caril, canela e o colorau. Deste modo, iniciou-se com a pré-leitura mostrando a imagem da capa do livro e questionando sobre o que a história falava, seguindo para o momento de leitura. Ao contar a história, no momento que mostrava as imagens das páginas, aproximava o livro para perto de cada criança de forma que sentissem o aroma. As crianças iam cheirando ao mesmo tempo que se iam divertindo ao ouvir a história, estimulando e explorando o sentido do olfato.

"O M. após a leitura da história pediu-me para a ver. Continuou envolvido na história, pois ao desfolhar as folhas ia sentindo os aromas e dizendo: Que "cheiinho" a "hota"…"

(Nota de campo, 28 de novembro de 2023)

Figura 3- Exploração da história aromática

Seguidamente, após o momento anteriormente descrito, desafiei as crianças a fazer uma pintura.

Estagiária: *"Querem fazer uma pintura com tintas que deitam os cheiros da história dos coelhinhos?"* As respostas foram positivas e imediatamente, as crianças encaminharam-se para a mesa de atividades. **(Nota de campo, 28 de novembro de 2023).**

Este segundo momento de desenvolvimento de atividade com pintura aromática, teve como princípio mostrar às crianças as especiarias que foram utilizadas como tintas, nomeadamente: canela açafrão; colorau e caril. De seguida foi explicado que as especiarias serviam para temperar o comer, e que poderiam extrair-se numa horta como a dos coelhinhos. Todas as crianças cheiraram novamente as especiarias, como é possível observar na figura 2.

Figura 4- Exploração olfativa das especiarias

Após este momento de elaboração das tintas e de realização da pintura aromática, foi possível observar as crianças a envolveram-se na atividade e demonstrando interesse na sua exploração. Como evidencias destaca-se o tempo em que estiveram a pintar, mais precisamente 26 minutos até que a primeira criança referiu que não queria mais pintar e começaram a desenvolver outras atividades.

Figura 5- Figura 5- Realização da pintura aromática

Durante os 26 minutos que durou a atividade, todos os momentos do processo foram observados de forma atenta pela estagiária que interveio apenas por um momento, tal como é referido em nota de campo:

Mantendo a minha posição de observadora, a M. ao verificar que tinha pouca tinta no recipiente pediu-me que fizesse mais.

Estagiária: *Está bem! Então queres que faça igual ou queres escolher outro cheiro?* (especiaria).

M: *Quero igual.*

Estagiária: *Então destes quatro, qual é o que estavas a pintar? Cheira!* (Aproximei as especiarias uma a uma e, sem muita hesitação, a M. após cheirar todas as especiarias, (caril, canela, colorau e açafrão) a M. selecionou a canela, especiaria que estava a utilizar anteriormente.

Deste modo houve a possibilidade de potenciar a atividade, aumentando a sensação olfativa, e observar se a criança conseguia distinguir os aromas.

Após o término desta exploração, os trabalhos das crianças foram expostos na parede destinada para este fim. Um aspeto curioso foi que no dia seguinte, emanava um cheiro ainda bastante forte na sala, fazendo com que algumas crianças ao entrar se referissem ao cheiro, direcionando o olhar para as pinturas expostas na parede.

Estas interações reforçaram a ideia de que a possibilidade de criação de pigmentos com elementos naturais, permite estimular os sentidos das crianças ao contactar com novos cheiros e texturas que captam e provocam todos os sentidos.

1.2 Pintura sensorial

A segunda intervenção planificada teve o mesmo objetivo que a primeira, ou seja a diversificação de técnicas, suportes e de materiais em atividades de artes visuais.

Depois de uma reflexão conjunta com a educadora cooperante, foi apresentada a ideia de se realizar algo que alterasse o ambiente da sala e que fosse potenciador de uma exploração multissensorial, estimulando os vários sentidos em simultâneo.

Mais uma vez, foi apresentada a planificação à educadora cooperante com antecedência para que a mesma tivesse conhecimento do que pretendia realizar e que me

pudesse ajudar, quer na adequação da proposta, na implementação e também na reflexão final. A intervenção ocorreu no dia 10 de janeiro de 2023, durante o período da manhã, pelas 10h e teve uma duração aproximada de 35 minutos, com a participação de catorze crianças, oito do sexo feminino e seis do sexo masculino.

Como a atividade exigia uma significativa alteração do espaço, cheguei à instituição com bastante tempo de antecedência. Esta alteração consistiu em virar as mesas ao contrário, de forma que os pés da mesa fossem a estrutura para "telas". De seguida os pés das mesas foram forrados com película aderente bem esticada, que se constituiu como suporte para a atividade.

Outro requisito em relação à preparação do espaço foi a ocultação da luz natural, como a sala era constituída por uma parede com janelas e sem estores, foi um desafio encontrar forma para ultrapassar este obstáculo. Com o apoio da educadora que facultou uns cortinados de feltro pretos, conseguiu-se promover o ambiente previsto ao prender estes panos escuros na janela escurecendo assim o ambiente da sala.

Ao dar continuidade na preparação do espaço/ambiente, foram adicionadas luzes nos tampos das mesas para que se refletissem na película aderente e deste modo potenciar todo o ambiente com estímulos sensoriais, associados à visão. Neste caso, as cores de diferentes luzes a incidir nas pinturas das crianças permitiu criar um ambiente de descoberta estimulante e atrativo. O facto de pintarem numa superfície transparente, tornou o processo de criação ainda mais dinâmico o que deixou as crianças ainda mais envolvidas na proposta. Evidência disso, é que todas as crianças permaneceram bastante tempo envolvidas nesta exploração, molhando os pinceis na tinta várias vezes, esboçando sorrisos e olhavam em seu redor ao ver as luzes refletidas em vários locais da sala. Como é possível observar na figura 6.

Figura 6- Imagem ilustrativa da transformação das mesas

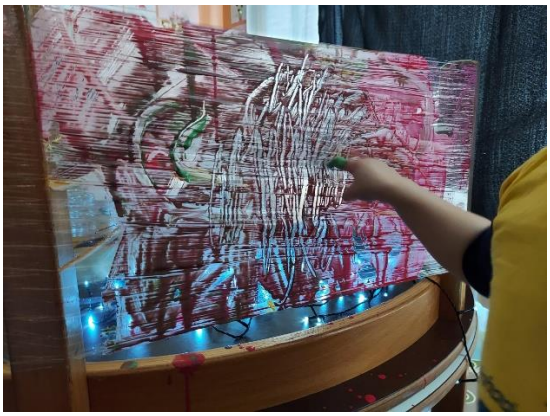
Após a preparação do espaço, chegou o momento de dar início à atividade. Importa referir que as crianças, ao chegar à sala pela manhã, demonstraram bastante curiosidade pelo espaço, observando e questionando o que descobriram de novo.

Iniciámos a atividade explicando ao grupo de crianças que iriamos fazer uma pintura, mas que desta vez não seria sobre papel, mas sim num suporte diferente. Primeiramente foi pensado que seria benéfico fazer uma demonstração, ou seja, pintar na película, mas não foi necessário porque as crianças de forma espontânea, dirigiram-se para as estações de trabalho, observaram, e começaram a agarrar nos recipientes de tintas com os respetivos pincéis que estavam ao alcance de todos numa mesa de apoio colocada estrategicamente perto das duas estações. Ligou-se o rádio com uma música do álbum Toada dos Malmequeres e deste modo as crianças começaram a explorar o material pintando livremente e preenchendo as "telas" de película aderente com as suas criações.

Figura 7- Exploração das estações de pintura

É importante destacar que, no final da atividade, quando as "telas" já estavam muito preenchidas com tinta, observei uma criança o J., que ao deparar-se com esta situação em vez de sobrepor a tinta, começou a pintar com o dedo. Foi algo surpreendente pois esta criança revelou ter capacidade de encontrar uma nova solução para o problema aplicando assim uma técnica de pintura alternativa à prevista, com o recuso do pincel, tal como se pode observar na figura 8.

Figura 8- Criança a aplicar uma técnica alternativa à prevista



Importa referir que esta exploração por parte das crianças, teve de ser interrompida devido ao horário do almoço, nenhuma das crianças referiu vontade de fazer outra coisa senão esta atividade, o que evidenciou o interesse e envolvimento por parte do grupo.

Tal como é apresentado em nota de campo:

Ao começar a remover os panos pretos da janela, para calmamente dar por terminada a atividade, a A. manifestou:

A.: *Ohh Rosa, tapa a janela.* (continuando a pintar).

Compreendemos que esta manifestação, por parte da criança, teve a ver com a perceção que teve sobre o facto da atividade estar prestes a terminar.

Estagiária: *Mas A. temos de nos despachar para ir almoçar.*

A.: *Ohhh… (*continuando a pintar sem olhar para a estagiária).

Estagiária: *Então, podes continuar a pintar mais um bocadinho, enquanto tiro os panos da janela, pode ser?*

(Nota de Campo, 10 de janeiro de 2023)

A criança assentiu com a cabeça, mas foi percetível que ficou descontente. Depois de falar com a educadora sobre o facto de explorar a atividade por mais uns minutos, foi possível a criança explorar por mais tempo a técnica, enquanto o espaço foi organizando e limpo.

Nesta atividade, o papel da estagiária foi de observadora atenta, intervindo somente quando era solicitada, nomeadamente perceber se havia tintas suficientes, permitindo assim a exploração livre da atividade por parte das crianças.

1.3 Balanço das Intervenções em Creche

Sendo o objetivo principal das minhas intervenções em contexto de creche proporcionar o contato com materiais, suportes e técnicas diversificadas na exploração das artes visuais, como já tinha referido anteriormente, considero que o mesmo foi alcançado com sucesso, devido à introdução de materiais não estruturados, desafiadores e potenciadores de explorações e brincadeiras diferenciadas, através de uma preparação prévia de todas as etapas:

Neste sentido importa que o adulto prepare antecipadamente uma série de materiais e desafios, tornado o ambiente e as propostas ricas em possibilidades de criação. (entrevista à educadora cooperante A).

Ao oferecer estas vivências enriquecedoras, a criança está a manipular e explorar os diferentes materiais com o intuito de "alargar as suas experiências de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação" (Silva at al. 2016, p.49). Assim, ambas as intervenções, tiveram como ponto de partida esse pressuposto.

Após a sua realização, ficou ainda mais clarificada a ideia de que o contato com materiais diversos e diferentes daqueles usualmente utilizados em contextos de educação de infância, constituem uma mais-valia a todos os níveis, na medida em que os materiais e o espaço físico quando bem estruturado, oferecem propostas diferenciadas, situações diversificadas, que ampliam as perspetivas de exploração por parte das crianças. (Garlik. et al. 2014).

Desta forma e, ainda de acordo com Zabalza (1998) que menciona, "as crianças são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, que aprendem a partir da manipulação e da experimentação ativa da realidade e através das descobertas pessoais" (p.249), é percetível que quando são dadas oportunidades, a criança atua com progressiva autonomia e independência.

De um modo geral, o balanço destas intervenções é positivo. Na primeira intervenção realizada, o objetivo principal foi explorar o sentido do olfato e, ao inserir as especiarias no interior do livro, conseguiu-se ampliar a experiência olfativa, dinamizando a história de uma forma sensorial e apelativa ao tema. "As crianças nascem com uma capacidade genética enorme que lhes permite explorar, discernir e interpretar a realidade através dos

seus sentidos" (Ceppi & Zini, 2013, p.24). De acordo com os autores, cabe aos educadores, contribuir para fomentar as perceções sensoriais e fim de desenvolvê-las e aprimorá-las.

Na segunda parte da atividade, com a elaboração das tintas aromáticas, as crianças tiveram a oportunidade de explorar as possibilidades de criação de pigmentos com elementos naturais, e contactar com tintas de textura e aromas diferentes do habitual.

No que concerne as dificuldades sentidas e aspetos a melhorar, destacamos como profícuo mostrar às crianças a origem das especiarias para a reforçar o tema dos elementos naturais através da análise de fotografias confrontando-as com os, pacotes das especiarias utilizadas associando imagens das árvores/plantas a cada uma delas.

Durante o processo destacamos como dificuldade sentida, a ausência da auxiliar de ação educativa da sala que se encontrava de baixa médica, contando apenas com o apoio da educadora cooperante. Por esta razão, houve dificuldades no que diz respeito à capacidade de conjugar os diferentes procedimentos de recolha de informação, nomeadamente o registo das notas de campo e fotográfico, diminuindo a quantidade de informações que poderiam ter sido recolhidas no contexto

Após a intervenção, a educadora cooperante referindo-se à intervenção das tintas aromáticas referiu:

Educadora cooperante A.: *Conseguiste com a tua intervenção, captar o interesse do grupo, e assim favorecer o desenvolvimento do seu ímpeto exploratório e de múltiplas aprendizagens.*

(nota de campo, 10 janeiro 2023).

No que diz respeito à segunda intervenção neste contexto de creche, a pintura sensorial tive como objetivo principal, a promoção de uma experiência multissensorial, estimulando os vários sentidos. Esta intervenção também incluía em criar um ambiente educativo mais exploratório. Os objetivos referidos foram concretizados com sucesso, tendo como evidência o tempo em que as crianças estiveram envoltas nesta exploração.

Como proposta de melhoria, é importante relatar uma situação que ocorreu durante esta exploração. Uma das crianças do grupo que se encontra no espetro do autismo, no momento da realização da atividade recusou-se a pintar sobre as telas "película aderente".

A criança andava com o pincel na mão, explorava o espaço, mas não aplicava o pincel na superfície disposta.

A educadora cooperante ao reparar nesta situação, facultou uma folha de papel à criança, que imediatamente pousou a folha numa mesa que tínhamos de apoio às estações de pintura, e começou a pintar com entusiasmo na folha disponibilizada. Após refletir e conversar com a educadora cooperante, entendemos que esta criança não estava preparada ou simplesmente não queria desenvolver este tipo de exploração diferente do habitual, estando ela habituada a pintar como suporte a folha e como apoio, uma mesa.

De acordo com Antunes (2018), estas crianças podem apresentar "comportamentos ritualizados, que se traduzem numa mesma ação numa determinada sequência "(p.138). Deste modo presumimos, que a criança ofereceu resistência porque estávamos a fazer com que saísse da sua zona de segurança e de conforto, alterando o seu ritual de pintura. Embora a criança não estivesse interessada em realizar a proposta inicial desta intervenção, constatámos que não deixou de estar presente e envolvida no processo juntamente com o grupo, mas a realizar o proposto de outra forma. Com este episódio foi possível compreender a importância que a observação das crianças tem no desenvolvimento das atividades, e também a eficácia de encontrar alternativas, que permitem colmatar alguma resistência ou dificuldade por parte das crianças, tal como a situação relatada anteriormente.

Em relação às dificuldades sentidas, contrariamente à primeira intervenção, foi possível contar com o apoio da auxiliar de ação educativa e da educadora cooperante, tendo conseguido nesta intervenção um maior número de registos de observação, bem como notas de campo e registos fotográficos.

Em forma de conclusão, considero este um tema transversal para a creche, dado que as artes visuais são uma área que pode ser explorada pelas crianças desde muito cedo e que potencia o desenvolvimento das crianças, "É onde s crianças têm oportunidade de experimentar e explorar os materiais básicos da expressão artística, ficar com as mãos sujas e pegajosas e apreciar a sensação de fazer movimentos que deixam marcas" (Post & Hohmann, 2011, p.151). Através destas experiências sensoriomotoras, as crianças descobrem a essência dos materiais, esta descoberta promove a compreensão sobre as propriedades dos materiais, ao qual podem recorrer quando chega o momento da

exploração dos mesmos, utilizando-os para representarem as suas ideias, fazerem coisas para brincar e resolverem problemas (Post & Hohmann, 2011).

2. Intervenção em Contexto de Jardim-de-Infância

Em relação ao jardim de infância foi possível compreender que as artes visuais estavam presentes neste contexto infantil, tanto pela organização da sala, como pelos materiais que se encontravam dispostos e de fácil acesso às crianças, atribuindo assim, uma importância significativa à área e ao desenvolvimento de atividades relacionadas com as artes visuais.

De forma a compreender melhor o significado que a educadora cooperante dava às artes visuais, foi perguntado qual a relevância que esta atribui às artes visuais, relativamente ao desenvolvimento global da criança:

"As artes visuais e a sua exploração na educação de infância, proporcionam à criança o conhecimento e o contacto com diversas formas de arte como a pintura, a escultura, o desenho e ilustração, o teatro o cinema, a dança e a música, desenvolve na criança o conceito de belo e o sentido estético, desenvolve a criatividade e a expressão dos sentimentos e emoções."

(Educadora cooperante, 15 de março 2023)

A primeira intervenção baseou-se em explorar obras de arte. Em conversa com a educadora cooperante e pelas observações efetuadas foi detetado que a mesma desenvolvia regularmente atividades que envolviam várias formas de expressão artística. Durante a observação neste contexto e após observar múltiplas atividades de artes visuais propostas pela educadora, decidiu-se que seria enriquecedor desenvolver algo que até ao momento o grupo de crianças não tinha tido oportunidade de observar. Assim, foi proposto que a intervenção de sustentasse na exploração de elementos expressivos da comunicação visual, em que as crianças tivessem oportunidade de apreciar e dialogar sobre aquilo que fazem e que observam. (Silva et al. 2016).

A intervenção foi planificada e apresentada à educadora cooperante com antecedência para que a mesma tivesse conhecimento do que pretendia realizar e que, posteriormente, pudesse ajudar na adequação e implementação da proposta, assim como na reflexão final. A intervenção ocorreu nos dias 15, 16 e 17 de maio de 2023, no período da manhã. Esta

intervenção teve como título "Artistas por três dias", tendo sido dividida por três fases, mais à frente descritas. Em todos os momentos da intervenção houve o apoio da educadora cooperante e de duas assistentes operacionais.

3. Artistas por Três Dias

A primeira fase desta atividade com a duração de 2horas, realizou-se no dia 15 de maio pelas 9h. Neste dia estavam presentes 19 crianças.

Reunido o grupo de crianças em roda sentados no tapete, chegou o momento de apresentar ao grupo o artista plástico selecionado Joan Miró apoiada por uma fotografia do mesmo. A seleção deste artista teve como base a diversidade que o mesmo apresenta nas suas obras de arte relativamente às técnicas que utiliza técnicas como por exemplo a pintura, a escultura, modelagem ou a *assemblage*.

Nesta apresentação, foi explicado ao grupo de crianças as técnicas e os materiais que o artista utilizava nas suas obras de arte e das suas peculiaridades enquanto artista, como por exemplo: a utilização de cores primária que utilizava juntamente com a cor preta nos contornos nos seus desenhos; pintava também com as mãos; fazia uso de diferentes escalas, diferentes tamanhos, em que uma forma é desproporcionalmente maior do que outras, estratégia usada pelas crianças quando elas evidenciam os objetos mais importantes para eles si e por último, que o artista pintava de acordo com a sua própria imaginação, ou seja, não necessitava de olhar para nada. As crianças permaneceram atentas no momento desta apresentação, intervindo com algumas questões pertinentes sobre o que estavam a ouvir:

S: Mas se ele é adulto, porque ainda desenha como as crianças?

Estagiária: Porque dizes isso?

S: Então! Estás a dizer que ele faz desenhos como as crianças.

Estagiária: Porque a imaginação dele é igual, quando ainda era criança.

(Nota de campo, 15 maio 2023)

Seguidamente, focámos a apresentação na análise das obras de Miró. Para esta atividade foram selecionadas, quatro pinturas de Miró, com o cuidado de estarem

adequadas ao grupo de crianças desta faixa-etária e que fossem potenciadoras em relação a pormenores gráficos nelas existentes.

De seguida procedeu-se à revelação das pinturas, previamente impressas em tamanho A3, para facilitar a observação e dar tempo ao olhar da criança, como é possível observar na figura 9.

Figura 9- Momento de observação e análise das obras de Miró

Neste momento de apreciação, foram apresentadas quatro obras de Miró, que se designam por: O Caçador; O Carnaval de Arlequim; O Holandês e o Belo Pássaro. (Apêndice O).

Para cada demonstração foi solicitado às crianças que observassem a obra para captar o maior número de detalhes através do olhar. Seguidamente, foi promovido o diálogo entre o grupo. "As explorações e o diálogo entre crianças e com o/a educador/a sobre elementos visuais e a sua representação em diferentes formas visuais constituem meios de desenvolver a sua expressividade e sentido crítico" (Siva. et al. 2016, p.49). As crianças foram partilhando as suas conceções, descrevendo e refletindo sobre o que viram.

De forma a promover o diálogo e a reflexão foram previamente preparadas algumas questões com o objetivo de despertar o interesse das crianças em relação ao que estavam a observar. Diálogo com as crianças sobre a obra o "O Carnaval de Arlequim":

Figura 10- Obra de Joan Miró "O Carnaval de Arlequim"

Estagiária: *O que acham desta obra de arte?*

C: *Vejo muitos círculos.*

A.P: *É muito gira! Parecem bichinhos.*

Estagiária: *As figuras, os bichinhos, parecem estar em movimento ou parados?*

X: *Parecem estar a dançar e a voar.*

Estagiária: *O que mais vos chama a atenção?*

S.: *Estou a ver uma janela para a rua*.

Estagiária: *E achas que é de noite ou de dia?*

S.: *De dia, o céu está azul.*

Estagiária: *Temos aqui algumas figuras que faz lembrar objetos da nossa casa. Conseguem dizer quais são?*

M.: *mesa*

Estagiária: *Na vossa opinião qual é a personagem principal da obra?*

L.: *O macaco!*

(Nota de campo, 15 maio 2023)

A partir destas sugestões, e em todas as apresentações das obras do artista anteriormente mencionadas, existiu sempre um momento de apreciação e de diálogo sobre o que estavam a ver. (Apêndice L).

Na etapa de produzir um trabalho prático o grupo de crianças foi distribuído pelos três pontos de trabalho, ou seja, pelos ateliers de arte. Em cada atelier, foram colocadas as imagens das pinturas analisadas em pequenos cavaletes, tendo o cuidado de referir que as imagens iriam ficar visíveis, para que servissem somente de inspiração e não para copiar, trabalhando desta forma a imaginação de cada um, tal como o artista fazia.

Figura 11- Momento de realização de desenho inspirado em Miró

Em relação ao material foram disponibilizados lápis de cor e de cera, canetas de feltro, marcadores, tintas, pincéis e folhas de papel de tamanho A4 e papel manteiga A3. Foi possível constatar que a maioria das crianças optou pelo uso de canetas de feltro, o material riscador privilegiado pelas crianças.

Figura 12- Exposição dos desenhos realizados

Após a realização desta atividade, as crianças foram reunidas em grande grupo para apreciar os desenhos já expostos na parede. A conversa sobre o que estavam a ver, decorreu da seguinte forma:

Estagiária: *Agora vamos apreciar as obras de arte de todos os amigos. Porque os artistas são vocês.*

N: *Nós todos fizemos desenhos pela nossa cabeça!*

Estagiária: *Pois foi! São todos diferentes!*

A: *O do L. está muito parecido!*

Estagiária: *Parecido com o quê?*

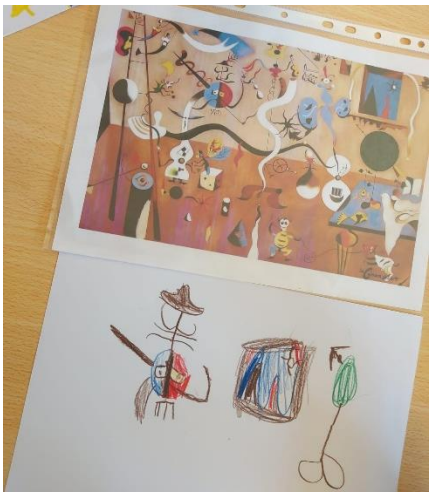
A: *Com o de Miró!*

L: *Pois está! Eu quis assim!*

(Nota de campo, 15 maio 2023)

Com esta observação, o desenho foi removido da parede para que o grupo de crianças tivesse uma melhor visualização do que se estava a debater, e foi colocado ao lado da imagem do quadro original, tal como é possível observar na figura 13.

Figura 13 - Desenho mencionado na observação e de diálogo das crianças



A determinada altura, foi questionado ao L. autor do desenho se queria falar sobre ele:

L: *Eu fiz assim porque gostei do Arlequim!*

(Nota de campo, 15 maio, 2023).

Durante a análise e o diálogo anteriormente realizado, foi explicado que a personagem principal desta obra se chama Arlequim, e que este era uma espécie de bobo da corte, um palhaço de circo cuja sua função seria a de entreter as pessoas em uma festa. Desta forma foi possível constatar que esta criança se encontrava envolvido e concentrado no momento da análise da obra.

Dando seguimento ao segundo dia de intervenção, foi proposta uma atividade que incluísse a modelagem.

O trabalho que Miró desenvolveu como escultor é diferente do seu trabalho como pintor, sendo mais intuitivo, onde o "acaso" desempenha um papel importante.

A segunda fase da intervenção realizada no dia 16 de maio com a duração de 1h30 minutos teve início pelas 9h30m. Neste dia estavam presentes 19 crianças.

O material foi selecionado e organizado no espaço de trabalho. Em conversa com a educadora cooperante, foi sugerido que se utilizasse a plasticina e a pasta de modelar.

Preparei outros materiais como molas de roupa, bases de madeira, paus de espetada ou palitos, para apoiar as crianças na construção da estrutura das suas produções.

Esta opção de recursos surgiu, devido a uma das esculturas de Miró, como apresento na figura 14.

Figura 14- Obra de Joan Miró "Chatarrero de Miró"

Tal como no dia anterior, reunimos em roda no tapete e foi explicado o que iria ser feito. À semelhança do dia anterior, falámos sobre o mesmo artista, mas agora com uma forma de arte diferente.

A imagem da obra foi mostrada às crianças (figura 14), e foi solicitado às crianças que observassem com atenção todos os seus detalhes, cores e formas. As crianças contemplaram por alguns minutos e iniciámos a análise das características desta obra de arte.

Estagiária: *O que têm a dizer sobre esta escultura de Miró?*

B.: *Não tem muitas cores, como nas pinturas.*

X.: *Pois não! Aqui só tem, vermelho, preto e azul.*

Estagiária: *E o que vos parece a figura?*

P.: *Um pássaro em cima de uma mola da roupa.*

B.: *E está a olhar para o lado.*

Estagiária: *Porquê?*

B.: *Não vês o nariz, está virado para o lado.*

S.: *Não está nada! Não vês a asa, está também virado para o lado.*

(Nota de campo, 16 de maio de 2023)

Esta etapa durou sensivelmente 5m. Após o momento descrito, foram mostradas mais esculturas do artista às crianças através do computador ao mesmo tempo que eram pronunciados os nomes das obras e colocadas questões ao grupo sobre as esculturas. Diálogo sobre a escultura de Miró. (Figura 15).

Figura 15- Obra de Joan Miró" O Pássaro"

- Estagiária: *E esta, o que vos parece?*
- B.: *Parece uma ave!*
- Z.P: *Parece um pássaro!*
- B.: *Sim! um pássaro com um chapéu.*
- S: *Ele está triste.*
- Estagiária: *Está triste. Porque dizes isso?*
- S.: *Porque falta-lhe o coração. Não vês?* (apontando para o buraco na figura).
- Estagiária: *E achas que por ter um buraco no sítio do coração, ele está triste?*

- S.: *Sim! porque assim ele não sente o amor.*

(Nota de campo, 16 de maio 2023)

Este momento foi considerado marcante devido à forma com estas crianças se expressaram e aprofundaram o seu pensamento, juntando emoção aos detalhes que observaram.

Após este momento, procedeu-se à realização da parte prática onde foi pedido às crianças que ocupassem os lugares distribuídos pelas mesas que previamente já tinham sido preparadas de forma a organizar e proporcionar um ambiente motivador e inspirador.

Semelhante à atividade desenvolvida no primeiro dia da intervenção, foram dispostas pelas mesas imagens das esculturas de Miró anteriormente apresentadas e foi facultada plasticina e a pasta de modelar.

As crianças demonstraram entusiasmo no desenvolvimento das suas produções, chamando-me várias vezes para mostrar orgulhosamente as suas criações. A motivação durante o processo era tanta que quando finalizavam a sua escultura, voltavam a desmanchar para recomeçar novamente. Ao reparar nesta situação, foi explicado que seria bom termos esculturas para expor e para mostrar aos pais e amigos. Foi dada oportunidade a quem quisesse construir mais do que uma escultura, pois havia material de modelar suficiente para as crianças explorarem esta técnica. A intenção em relação a esta ação, foi dar mais liberdade para desenvolverem a sua imaginação, não limitando as crianças a uma só representação. (ver figura 16).

Figura 16- Momento de desenvolvimento da atividade de modelagem.

O terceiro dia da intervenção, consistiu na continuação da abordagem ao artista plástico Joan Miró e suas formas de expressão. Para esta atividade foi selecionada a obra "O jardim", que retrata um jardim com figuras coloridas, fantasiosas e fluídas. Mais uma vez houve uma preparação prévia de forma a entender melhor as características da obra de arte e as intencionalidades artísticas do autor, recorrendo a artigos do mesmo.

Esta terceira fase da intervenção foi realizada no dia 17 de maio pelas 14h e teve uma duração de 1h30m. Neste dia estavam presentes 19 crianças.

À semelhança dos dias anteriores, iniciamos a atividade reunidos em grande grupo no tapete, onde foi apresentada a imagem da pintura e estabelecido um diálogo sobre o que estávamos a ver. (ver figura 17).

Figura 17- Momento de contemplar e dialogar sobre a obra "O Jardim".

O momento de apreciação e de diálogo teve uma duração de 20 minutos onde foram colocadas questões às crianças de forma a estimular a sua curiosidade pelas particularidades da obra de arte, assim como as crianças tiveram oportunidade de partilharam as suas ilações, como é apresentado em nota de campo:

Estagiária: *O que vos faz lembrar esta imagem?*

S.: *Um pássaro só com um olho!*

Estagiária: *E estão a ver só um pássaro?*

L.: *Não, estou a ver mais, está um a voar e outro no chão.*

Estagiária: *O fundo da pintura faz lembrar o quê?*

H.: *O céu*

L.: *Rosa, já viste que o Miró punha olhos em tudo!*

Estagiária: *Sim! Já reparei. E que mais é hábito encontrarmos nas obras de Miró?*

L.: *Os pássaros e as cores*

M.A.: *e as estrelas! No Belo Pássaro também há uma estrela*.

S.: *Mas ele aqui também pôs uma minhoca.*

Estagiária: *Pois foi! Ainda não tínhamos visto uma minhoca nas suas obras de arte.*

(Nota de campo, 17 de maio 2023)

Após este momento, chegou a altura de desafiar as crianças a realizar mais uma atividade com inspiração no artista. Neste caso, foi a técnica de recorte e colagem, para recriarem o *Jardim de Miró.*

Em relação ao material foi disponibilizado tesouras, colas, sobras de cartolinas, papel crepe, celofane, musgami, desperdício de papel de lustro e como suporte folhas de papel A4 de cor branco, azul, preto e vermelha. Esta seleção foi propositada para perceber que cor as crianças escolheriam como a base do seu trabalho. (ver figura 18).

Figura 18- Momento de realização da atividade de recorte e colagem

Foi interessente reparar que algumas crianças escolhiam as mesmas cores primárias que o artista utilizava, solicitaram marcadores para que conseguissem fazer os contornos frequentemente usados por Miró e outra especificidade na escolha das crianças, assentou na escolha do suporte, uma vez que a maioria das crianças escolheu a folha A4 de cor azul, como é possível observar na figura 19.

Figura 19- Trabalhos expostos o Jardim de Miró

Seguindo a metodologia anteriormente aplicada, reunimo-nos perante a exposição dos trabalhos e falámos sobre as produções:

Estagiária*: Qual foi a razão de escolherem a folha de cor azul para o vosso trabalho?*

D.: *Eu escolhi porque a M. também quis a azul.*

S.: *Foi para ser o céu.*

L.: *Os jardins são na rua!*

(Nota de campo 17 de maio 2023)

Os trabalhos ficaram bastante imaginativos, apresentado múltiplas cores, e acrescentaram contornos com canetas de feltro e, mais uma vez, as crianças revelaram interesse no desenvolvimento desta atividade dado a duração em que o grupo esteve envolvido e onde lhes foi dada oportunidade de criar uma composição através da sua própria imaginação ou servindo-se de inspiração a arte do artista abordado.

3.1 Balanço das intervenções em contexto de jardim-de-infância

No que concerne à intervenção em jardim-de-infância, as estratégias centraram-se fundamentalmente na exploração de elementos expressivos da comunicação visual, apoiados nas obras de arte do artista Joan Miró. Ao mesmo tempo que este objetivo foi cumprido contribuímos para o desenvolvimento das explorações, do diálogo sobre a obra de arte e do seu sentido crítico. "Este diálogo desperta na criança o desejo de querer ver mais e de descobrir novos elementos, (…) levando-a a descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê. "(Silva et al. 2016, p.49).

Segundo Barbosa (1991, cit. Leão, 2003, p.2) a "produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento da qualidade de imagens produzidas por artistas ou do mundo que nos cerca. (…)" De acordo com a autora, é essencial que a criança além de "fazer" aprecie arte, uma vez que ao analisar uma imagem a criança desenvolve habilidades de ver e descobrir as qualidades da obra de arte e do mundo visual que a cerca e estabelece relações com outros conhecimentos.

A intenção pedagógica tida em conta nesta intervenção, passou por apreciar, observar e dialogar sobre o que a criança vê, mas também, como intencionalidade educativa, foi proposto que esta criasse a sua própria arte, desenvolvendo a criação de composições visuais expressivas.

Na nossa perspetiva, a intervenção interligou-se com a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, tendo como referência os três tópicos: *conhecer, apreciar e fazer arte.*

Outro aspeto bastante significativo, foi a resposta positiva recebida ao longo dos três dias de intervenção por parte das crianças. A insegurança sentida devido ao facto da intervenção se realizar durante três dias, não fez sentido. Em todos os dias em que se desenvolveu a intervenção, fazia-se no início de cada atividade contextualização do artista e do tema a explorar e que foi sempre bem recebido por parte das crianças. Em cada obra apresentada, as crianças observaram com entusiasmo e exploraram os elementos visuais das imagens.

Também importa mencionar as fragilidades sentidas e a sua resolução no decorrer de todo este processo. A fragilidade considerada relevante de destacar foi o facto de, por vezes, não ser possível acompanhar todas as crianças no momento de desenvolvimento das atividades de artes visuais. A posição de observadora dificultou o acompanhamento das atividades que estavam a ser desenvolvidas em simultâneo, em que o grupo de crianças se encontrava dividido pelos três espaços criados. Perante esta situação foi difícil acompanhar e registar as observações, optando-se pelo registo fotográfico para complementar com as notas de campo. Através do ciclo de observação, registo e reflexão foi possível avaliar as crianças. Portugal & Laevers (2018, p. 154) referem que a recolha de informação e os registos permitem ao educador "esboçar um retrato descritivo e narrativo de cada criança, salientando as suas características, relações e atividades preferenciais e principais aprendizagens, assim como objetivos e iniciativas possíveis para cada especto a melhorar".

No que diz respeito à diversidade de material, a educadora cooperante, referiu que:

Achei bastante enriquecedor teres dado especial atenção ao material para as atividades. Não só te preocupaste com a fase inicial da intervenção, de apreciação e diálogo, como depois, as crianças tinham uma multiplicidade de material disponível para utilizar.

(Educadora cooperante B, 18 de maio de 2013)

Esta interligação entre a intervenção e a prática desenvolvida pela educadora cooperante, complementou-se no que diz respeito à proposta de ir ao encontro das artes visuais, cujo objetivo foi de as crianças desenvolverem em simultâneas atividades práticas, mas também reconhecerem e mobilizarem os elementos da comunicação visual, nas imagens que observam. O contato com as obras de arte, promoveu a capacidade de observação, interpretação e reflexão individual das crianças.

CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este último capítulo representa, fundamentalmente, o fim de um percurso construído com dedicação e persistência. Este integra uma análise reflexiva sobre todo o processo de investigação realizado, cuja intenção foi dar resposta à questão de investigação, partilhar as aprendizagens e conhecimentos adquiridos, assim como as experiências vivenciadas, as dificuldades encontradas e posteriormente superadas, resultando em aprendizagens significativas que contribuíram para a construção da minha identidade, enquanto futura educadora de infância.

Em primeiro lugar, destaco a escolha da temática a investigar, o que se revelou um desafio, pois o objetivo foi escolher uma temática que fosse transversal aos dois contextos de estágio, creche e jardim-de-infância, mas também que constituísse um tema significativo a nível pessoal, uma vez que o intuito foi aprofundar os conhecimentos acerca de algo que estimulasse e guiasse a prática enquanto futura educadora de infância.

O projeto de investigação-ação tinha como objetivo compreender o modo como as Artes Visuais eram exploradas nos contextos educativos, qual a sua influência no desenvolvimento da criança, e quais as estratégias a adotar na diversificação de materiais, suportes e de técnicas, com o intuito de potenciar aprendizagens significativas. Deste modo, temos como questão propulsora para a exploração do tema "Como potenciar a exploração das Artes Visuais em contexto de Educação de Infância?"

Num primeiro momento, foi fundamental perceber se as educadoras cooperantes dinamizavam atividades que incluíssem as artes visuais e quais as técnicas, suportes e materiais aplicadas para o seu desenvolvimento. De seguida, após observar duas realidades opostas, dado que em creche não existia diversificação de material nem das atividades de artes visuais em si, procurei saber qual o motivo para tal se verificar. Posteriormente, após conversar com a educadora cooperante deste estágio as minhas dúvidas foram esclarecidas pois compreendi que se relacionava com o facto do grupo de crianças ainda se encontrar num processo de adaptação à sala e à equipa.

No segundo estágio, deparei-me com uma realidade diferente uma vez que o grupo de crianças contactava regularmente com atividades de exploração das artes visuais, visto que a educadora cooperante privilegiava esta área no seu currículo e valorizava a importância da diversificação do material, utilizando também bastante material não-

estruturado, como por exemplo objetos inusitados e elementos naturais para a exploração desta área.

No que diz respeito às minhas intervenções, em ambos os contextos, foram planeadas e apresentadas com antecedência as planificações às educadoras cooperantes de modo a obter as suas opiniões e sugestões de melhoria. Considerando todos os aspetos inerentes, estas intervenções assentaram na minha convicção sobre a importância da diversificação de técnicas, suportes e materiais nas Artes Visuais em educação de infância. Considero importante realçar a forma de seleção das intervenções a mobilizar neste relatório. Foram várias as intervenções que realizei, e por esse motivo foram selecionadas as que mais se adequava a este estudo. Deste modo as intervenções apresentadas no capítulo III foram selecionadas segundo alguns princípios, como a intencionalidade educativa agregada a cada intervenção e o impacto que teve a sua realização no desenvolvimento e aprendizagens da criança.

Os momentos de estágio, foram essenciais para observar, registar e implementar atividades relacionadas com a temática deste projeto de investigação-ação relacionado com as artes visuais. Os comentários obtidos pelas educadoras cooperantes foram sempre positivos e esclarecedores salientando o facto de este ser um tema valioso e que fazia todo o sentido ser investigado, uma vez que as artes visuais são uma área a desenvolver tão importante com o outra qualquer que influencie o desenvolvimento da criança.

Outro desafio encontrado relaciona-se com o primeiro momento de estágio, pois senti de imediato que não conseguiria registar toda a informação que pretendia, uma vez que a auxiliar de educação esteve ausente da sala o que me permitiu ter um papel mais ativo, em cooperação com a educadora. Para contrariar esta adversidade, foram delineados objetivos que permitiram focar-me, de facto, em observar e registar, retendo as informações essenciais para interpretar e analisar posteriormente.

Apesar dos momentos de estágio terem a duração de doze semanas cada um (dez semanas no 1.º ano e duas semanas no 2.º ano), o mesmo não aconteceu na valência de creche uma vez que no segundo momento de estágio a educadora cooperante adoeceu e não foi possível regressar ao contexto. Esta realidade foi com tristeza e algum desapontamento, pois senti que ainda poderia intervir e investigar mais sobre o tema desenvolvido com o grupo de creche. Considero que o tempo disponibilizado para os estágios são o suficiente para criar vinculação e confiança com as crianças e com os

elementos das equipas pedagógica e educativa, compreender a rotina dos grupos, a prática desenvolvida pela educadora cooperante e investir na investigação.

Ao longo dos estágios, senti que estava incluída e presente nas dinâmicas e nos tempos de cada criança, começando a ter uma maior perceção dos seus ritmos e potencialidades individuais, procurando adotar uma postura mais atenta e cuidadosa para algumas questões observadas como a rotina do grupo, como se orientava os momentos de transição, qual o tempo expectável para o desenvolvimento de determinadas tarefas, a forma de como se fazia o acolhimento da manhã, o acompanhamento das refeições o momento de exterior, se havia envolvimento do adulto ou não. Neste sentido, pude desenvolver a minha capacidade de observação, compreendendo as ações observadas e, posteriormente, proceder ao registo, e refletindo sobre o que foi observado.

No que respeita estas experiências, tenho de salientar que se revelaram bastante significativas para o crescimento da minha identidade profissional e pessoal, pois através delas adquiri aprendizagens essenciais que me irão apoiar no futuro, nomeadamente a enfrentar novos desafios, conhecer novas formas de pensar, de educar e cuidar, ver o mundo pela perspetiva da criança, transportando estas experiências em novos conhecimentos.

Considero importante referir também, o difícil que é ser trabalhadora-estudante, estagiária e investigadora em simultâneo. Durante os períodos de estágio tornou-se bastante extenuante e desafiante para mim conciliar todos os procedimentos que uma investigação requer, não esquecendo de todos os trabalhos solicitados pelos docentes das diferentes unidades curriculares, devido ao facto de ter pouco tempo disponível. Todavia, a perseverança e a motivação com que encarei todo este processo permitiu-me ultrapassar todos os obstáculos, não esquecendo o apoio que tive por parte dos docentes, das educadoras cooperantes e também das minhas colegas de turma que me acompanharam neste percurso

Ao longo da produção deste relatório, surgiram algumas dificuldades nomeadamente a elaboração do capítulo do enquadramento teórico. Considero que este capítulo tem uma importância significativa para esta investigação e, desta forma era importante que o mesmo ficasse bem organizado e desenvolvido com clareza. A maior dificuldade sentida na formulação deste capítulo foi a seleção dos conceitos a abordar. Após algumas incertezas, e com o apoio da minha orientadora foi possível ultrapassar

este constrangimento. À medida que construía o texto e correlacionava as diferentes conceções, organizei o meu pensamento refletindo sobre os assuntos, relacionando as perspetivas dos autores a cada conceito abordado.

Apesar das dificuldades, a elaboração deste relatório permitiu-me ampliar os meus conhecimentos sobre o tema promovendo momentos de reflexão e aprendizagens significativas.

Para dar resposta à questão de investigação: "Como potenciar a exploração das Artes Visuais em contexto de Educação de Infância?", foi necessário articular todos os dados obtidos pelos procedimentos de recolha, tratamento e análise de informação que sustentam todo este processo investigativo e dão resposta à questão de partida, nomeadamente, a observação, as notas de campo, a pesquisa documental e as entrevistas realizadas às educadoras cooperantes.

Um dos aspetos fundamentais para responder à questão centra-se no papel do educador. Numa perspetiva pedagógica o educador tem um papel fundamental na conceção sobre as artes visuais, sendo que é essencial definir as intencionalidades com que encaramos as artes visuais para que o trabalho com a criança seja pedagogicamente valorizado. Tal como refere Barbieri, (2017), o papel do educador é observar e escutar as pistas que as crianças apresentam, e deste modo acompanhar os objetivos que a criança pretende atingir no que concerne à exploração das artes visuais. De acordo com a autora, "Cada criança é um universo potente de expressão, que oferece pontos de partida" (p.19). Assim, é importante que a partir dos pontos de partida que as crianças nos oferecem, que se promova momentos de interação e aprendizagem de forma a ampliar as ideias e imaginação das crianças.

A organização dos espaços adquire uma enorme importância no que concerne à sua ocupação e exploração, cabendo ao educador, proporcionar às crianças propostas diferenciadas e situações diversificadas que ampliem as suas oportunidades de exploração em diferentes espaços, bem como facultar diversidade de técnicas, suportes e materiais, porque as estas desempenham um papel fundamental no que respeita a sua utilização nas diferentes intervenções artísticas (Silva et al.,2016).

Consegui perceber que, no desenvolvimento das minhas intervenções em creche, nas quais privilegiei a manipulação de materiais não-estruturados e elementos naturais, promovi experiências inovadoras e enriquecedoras, na qual permiti que as crianças

manipulassem e explorassem diferentes materiais e experimentassem ambientes multissensoriais, alargando as suas possibilidades de criação, como o contato com aromas e texturas que captam e provocam os sentidos, a exploração do espaço e a possibilidades de criação gráfica com pigmentos de elementos naturais.

Um outro aspeto detetado ao longo desta investigação, é que além do fazer, executar e criar, é fundamental que as crianças tenham contato com obras de arte. Ao analisar diferentes imagens as crianças têm oportunidade de apreciar e dialogar sobre o que vêm (Silva et al., 2016). Portanto, considero essencial que as crianças tenham contato com arte, de modo a promover e ampliar o seu percurso criativo e o seu repertório visual, pois tal como é referido nos Cadernos sobre Educação de Infância (2023), a necessidade de tornar possível o contato com a obra de arte em contextos infantis, provém da tomada de consciência da importância que a arte visual tem no desenvolvimento da criança. "O potencial de uma obra de arte, influencia o desenvolvimento pessoal, motor, cognitivo e social da criança e da oportunidade de desenvolver a criatividade, imaginação e materialização da ideia" (Rovisco, 2023, p.208). De acordo com Dubovik & Cippitelli, (2020), a observação de obras de arte ajuda a compreender o mundo, ela é um dos pilares das artes visuais." (p.33) Assim, entendo que é importante desenvolver esta capacidade desde cedo, para que as crianças otimizem a capacidade de observar. De acordo com as autoras, "observar é mais do que captar o que nos informam os cinco sentidos (…) já que observar é um exercício de consciência daquilo que se percebe" (p. 33). É uma fonte de conhecimento inserida no processo de aprendizagem.

Portanto, compete também ao educador, desenvolver um conjunto de atividades que estimulem a capacidade de apreciação de obras de arte, seja na própria sala ou em visitas de estudo que permitem o contacto direto com a obra de arte. Ao realizar a intervenção em jardim-de-infância, foi possível constatar que houve uma contribuição para o desenvolvimento do diálogo, despertando o desejo da criança em querer ver mais, descobrir novos elementos no que observa, levando-a a descrever a analisar e a refletir sobre o que vê cada vez com mais detalhes e estabelecendo conexões com outros conceitos ou conhecimentos.

Importa referir que a intervenção que realizei no contexto de jardim-de-infância, provocou-me alguma insegurança no seu planeamento e na sua dinamização, pois nunca tinha realizado algo semelhante. Foi com bastante empenho e investigação que promovi uma intervenção com uma duração de três dias, através da abordagem do mesmo artista,

foi gratificante perceber que se consegui manter o interesse das crianças para o que estava a realizar durante toda a intervenção, apelando ao diálogo na partilha das observações por parte de cada criança.

Em suma, concluo que este relatório de investigação e todas as etapas inerentes contribuíram para o meu crescimento enquanto futura educadora de infância. Ao ter estagiado em duas realidades distintas permitiram aprofundar a minha conceção sobre a criança. Acredito que é através da compreensão da criança, que estamos a promover seu desenvolvimento, favorecendo assim a sua consciência que são seres capazes, dando-lhe importância no seu próprio processo de aprendizagem, desenvolvendo assim o sentido de si próprio.

Acredito, tal como Post & Hohmann (2011), que todas as crianças são seres competentes cabendo ao adulto apoiar as intenções das crianças, estabelecer uma relação cooperante e criar um clima de confiança. Para isso é essencial construir relações positivas, assentes na atenção, na confiança e na compreensão, pois só assim conseguiremos guiar a construção do crescimento saudável das crianças, para que se desenvolvam num ambiente confortável, seguro e que lhes proporcione felicidade.

Termino este mestrado e relatório com o sentimento e a perspetiva que irei ser muito feliz na minha futura profissão, com o objetivo de continuar a investir na minha prática, valorizando a reflexão que considero ser o pilar da minha formação profissional e enquanto pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta, Lisboa.

Alves, G.M., Azevedo, R. N., Rosa, C. J., Gonçalves, N. T., Nascimento, B. T. A., Couceiro, L.M., Gomes, X.E., Neves, C., Vieira, R., Guerrero, B.A. (2010). *Investigar na Educação: Desafios da Construção do Conhecimento e da Formação de Investigadores num Campo Multi- Referenciado.* Alves, G. M. & Azevedo, R. N. Editora.

Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

André, T. (2009). *A Educação Artística na Escola do Século XXI*.: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Araújo, V., Benatti, L. & Simões, L. (2023). *A criança como protagonista do processo de ensino e aprendizagem na primeira Infância: Uma análise da Pedagogia Reggio Emilia*. Atena Editora.

Barbieri, S. (2012). *Interações: onde está a arte na infância*. Edgard Blucher Ltda.

Bertasi, B.F.T, (2015). *O desenho como pensamento visual na Educação Infantil* (Mestrado). Universidade Federal da Fronteira Sul.

Baudrillard, J. (1998). *O Paroxista Indiferente*. Edições 70.

Borges, R.M.A. (2008*). A criança e o desenho. Revista da Associação de Professores e comunicação Visual*, Imaginar, volume nº 49, p.12-14.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ceppi, G. & Zini, M. (2013). *Crianças, espaços, relações como projetar ambientes para a educação infantil*. Penso Editora.

Cottinelli. T. I. (1992). *Linguagem Gráfica Infantil*. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal.

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M.J. & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, volume nº 8, p.455-479.

Dubovik. A & Cippitelli. A. (2020). *A Linha como Linguagem*. Phorte Editora.

Edwards, E., Gandini, L. & Forman, G. (2016). *As cem linguagens da criança - A Abordagem de Reggio Emilia da Educação da Primeira Infância*. Penso Editora.

Epstein, S.A. & Hohmann, M. (2019). *O Currículo Pré-Escolar Highscope*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Ferreira, A.P. (2015). *A importância do ensino das artes visuais na educação infantil* (Mestrado). Escola de Belas Artes da UFMG.

Fonseca, A.N. (2022). Abordagem Triangular e Processo Criativo. *Revisarte,* volume nº 9, p. 1-33. http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.120486

Godinho, J. & Brito, M. (2010*). As Artes no Jardim de Infância*. Ministério da Educação.

Gonçalves, E. (1976). *A Pintura das crianças e nós*. Porto Editora.

Holm, A. (2004). A energia criativa natural. *Pro-Posições,* volume nº 5, p. 83-95.

Hohman, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkin.

Jorge-Ferreira, S. (2021). *O Domínio da Educação Artística na Creche e no Jardim de Infância Enquanto Caminho Para a Criatividade*. In Jorge-Ferreira, S. (Ed.), *Infância com artes e artes na infância: implicação das artes no processo de crescimento e desenvolvimento da criança.* (pp. 92-120). Editora Científica.

Laverberg, R. (2013). *O Desenho na Educação Infantil.* Melhoramentos.

Lowenfeld, V. & Brittain, W. L. (1977) *Desenvolvimento da capacidade criadora*. Mestre Jou.

Leão, R. (2003). *Revista de educação CEAP*, volume nº 43, p. 55 – 65.

Rizzi, M. C. de S. L., & Silva, M. (2017). Abordagem triangular do ensino das artes e culturas visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo. Gearte, volume nº4, p. 220-230.

Martins, C.M., Picosque, G.& Guerra, R. (2010). *Teoria e Prática do Ensino de Arte- A Língua do Mundo.* FTD S.A.

Moreira, A. A. A. (2008) *O espaço do desenho: a educação do educador.* São Loyola
Oliveira. M. (2007). *A Expressão Plástica para a compreensão Da Cultura Visual, Saber (e) Educar,* volume nº 12. p. 61-77.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens.* Fundação Calouste Gulbenkian

Rizzi, M. & Silva, P. (2017). Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas ao contemporâneo. *RevisArte*. Pág. 223.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação.* (1). Instituto Piaget

Sousa, P. (2011*). A Integração da Expressão Plástica na Escola*. Instituto Piaget.

Thiago, L. P. S. (2007). Espaço que dê Espaço. In Ostetto, L. E. *Encontros e Encantamentos na Educação Infantil*. volume nº 6, p. 51- 62.

Garlik, C., Rocha, C.A.E., Steinbach, F., Buss-Simão, M. (2014). Prepara tudo que nós vamos brincar. *Revista Zero-a-seis*., volume nº 1, p.112-130.

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. ArTmed.

Dorance, S. (2004). *Atividades Criativas na Pré-Escola*. Papa-Letras.

Legislação

Lei de Bases do Sistema Educativo. (1986). Decreto-Lei nº46/86. Diário da República n.º 237, 1ª Série de 1986-10-14.

Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar. (1997). Decreto-Lei nº 5/97. Diário da República n. º34, 1ª Série-A de 1997-10-02.

APÊNDICES

Apêndice A – Guião de entrevistas às educadoras cooperantes

<table>
<tr><th colspan="2">Objetivos gerais</th></tr>
<tr><td colspan="2">

- Recolher informações acerca das conceções da educadora cooperante relativamente qual a importância das artes visuais na educação de infância;
- Conhecer quais as dinâmicas utilizadas, na sua sala, na realização das atividades de artes visuais;
- Compreender com que frequência as crianças desenvolvem atividades de artes visuais;

</td></tr>
<tr><th>Objetivos específicos</th><th>Questões</th></tr>
<tr><td>Introdução: clarificar o propósito da entrevista e o protocolo a seguir</td><td>- Informar a entrevistada sobre o tema e os objetivos da entrevista
- Solicitar a sua colaboração, garantindo a sua confidencialidade e o anonimato.
- Solicitar autorização para a gravação áudio da entrevista.</td></tr>
<tr><td>Obter informações acerca da opinião da educadora sobre a temática.</td><td>1. Na sua opinião qual é a importância das Artes Visuais na educação de infância?
2. Que relevância atribui às artes visuais no desenvolvimento global da criança?
3. Que tipos de atividade realiza ou planeia para promover as artes visuais?</td></tr>
</table>

	4. **Faz a utilização de material diversificado nas propostas de artes visuais?** 5. **De que forma inclui as artes visuais na sua prática e na sua sala?**
Obter informações acerca das dinâmicas realizadas com as crianças.	6. **Considera importante existir na sala uma área destinada às artes visuais?** 7. **Na sua opinião qual é o papel da educadora na preparação do espaço e na diversificação de materiais no desenvolvimento das artes visuais?** 8. **Chegamos ao fim da nossa entrevista, gostaria de saber se tem algo a acrescentar?**
Conclusão e agradecimentos	- Quero expressar o meu agradecimento pela disponibilidade demonstrada, pela colaboração prestada e pelas informações fornecidas.

Apêndice B – Transcrição da entrevista à educadora cooperante A

1. **Na sua opinião qual é a importância das Artes Visuais na educação infantil?**

Na minha opinião as artes visuais, a par de outras áreas, têm uma importância significativa no desenvolvimento da criança. É uma área muito explorada nas salas de creche e jardim de infância.

2. **Que relevância atribui às artes visuais no desenvolvimento global da criança?**

As "artes visuais" talvez seja a área mais escolhida nas salas, de jardim de infância e de creche. Acredito que se traduz em manifestações mais sensitivas e criativas da criança na forma de entender e interpretar o mundo, de um modo muito próprio, muito pessoal.

3. **Que tipos de atividade realiza ou planeia para promover as artes visuais?**

Desde a pintura com vários materiais mais ou menos convencionais (tintas, guaches, aguarelas, café, beterraba, especiarias…), os desenhos com vários materiais riscadores e sobre diferentes superfícies, os recortes e as colagens fazem composições visuais, exploração de massas e plasticinas, exploração de espumas, bolas de sabão coloridas…

4. **Faz a utilização de material diversificado nas propostas de artes visuais?**

Sim. Procuro, nas experiências que proponho em desafio às crianças ou que elas próprias manifestam interesse, colocar ao seu dispor uma variedade de materiais e experiências que favoreçam o desenvolvimento do seu ímpeto exploratório e de múltiplas aprendizagens.

5. **De que forma inclui as artes visuais na sua prática e na sua sala?**

As artes visuais são incluídas desde logo na organização do ambiente educativo, onde os espaços são dispostos para que criança possa escolher, tomar iniciativa e experimentar de uma forma progressivamente mais independente.

6. **Considera importante existir na sala uma área destinada às artes visuais?**

Sim, claramente!

7. **Na sua opinião qual é o papel da educadora na preparação do espaço e na diversificação de materiais no desenvolvimento das artes visuais?**

O educador tem como papel principal, nesta e numa outra área qualquer, cuidar e educar e isto implica conhecer a criança, descodificar os seus interesses, necessidades e apoiar o seu caminho na descoberta de si mesma, do mundo, dos outros. Neste sentido importa que o adulto prepare antecipadamente uma série de materiais e desafios, tornado o ambiente rico em possibilidades. Que se mantenha sempre atendo à voz da criança e à medida que esta vai progredindo, ir adequando materiais e espaços.

8. **Chegámos ao fim da nossa entrevista, gostaria de saber se tem algo a acrescentar?**

Nada que já não tivesse partilhado contigo! Obrigada por me proporcionares esta experiência e reflexão sobre este tema tão importante.

Apêndice C – Transcrição da entrevista à educadora cooperante B

1. **Na sua opinião qual é a importância da exploração das Artes Visuais na educação de infância.**

Esta é uma área tão importante como qualquer outra área de conteúdo, que habitualmente trabalhamos na educação de infância, por isso damos-lhe o lugar que ela merece, de acordo com aquilo que eu considero ser importante para o bom desenvolvimento da criança a todos os níveis. As artes visuais e a sua exploração na educação de infância, proporcionam à criança o conhecimento e o contacto com diversas formas de arte como a pintura, a escultura, o desenho e ilustração, o teatro o cinema, a dança e a música, desenvolve na criança o conceito de belo e o sentido estético, desenvolve a criatividade e a expressão dos sentimentos e emoções.

2. **Que relevância atribui às artes visuais no desenvolvimento global da criança?**

Através das artes visuais e o contacto com as diversas linguagens artísticas, a criança potencia a sua perceção e imaginação, criatividade e competência expressiva e a sua capacidade critica. As crianças aprendem a observar, desenvolvem a sua curiosidade, adquirem novos conhecimentos e tornam-se capazes de perceber o mundo e o que as envolve com maior sensibilidade para além de adquirirem e desenvolverem a destreza manual.

3. **Que tipo de atividades realiza ou planeia para promover as artes visuais?**

São diversas as propostas de expressão e linguagens artísticas que apresento em contexto de sala, à partida os materiais estão sempre disponíveis para as crianças utilizarem livremente e sempre que o desejarem, seja materiais riscadores, materiais para recorte colagem e pintura e utilizam-nos por sua iniciativa. Quando quero fazer a apresentação de artistas plásticos e das suas obras, planeio as sessões utilizando diferentes recursos e que são o ponto de partida para a experimentação e descoberta das técnicas de expressão por eles utilizadas. Da mesma forma utilizo livros e ilustrações, visualizamos filmes, fazemos visitas a exposições em galerias e museus, ouvimos música erudita e não só, proponho contextos investigativos de luz e sombra, utilizamos as mesas de luz.

4. **Faz a utilização de material diversificado nas propostas de atividades de artes visuais?**

Para além dos materiais que estão sempre disponíveis, sim, faço propostas de exploração com materiais diversificados ou alternativos e que à partida não se imaginaria poderem ser recursos de expressão como escovas de diferentes texturas e tamanhos, esfregões de arame, esponjas de banho, vassouras, pentes…pinceis feitos com folhas e paus, tudo pode ser objeto para pintar e expressar, e as crianças através desses materiais vão poder expressar-se e experimentar.

Todo aquele trabalho que nós desenvolvemos no momento do teu estágio, como por exemplo, as tintas naturais, servem para despertar a curiosidade perante os materiais, e mostrar que de facto os materiais têm uma imensa de utilizações, que por vezes as crianças nem imaginam. Os pauzinhos que eles utilizam quando estão no exterior, as folhas e sementes, a areia, as pedras, tudo isso lhes dá imensas hipóteses de trabalho, e perceberem que de facto a natureza oferece tanta coisa que nós podemos aproveitar.

5. **Como inclui as artes visuais na sua prática e na sua sala?**

As artes visuais fazem parte do quotidiano da sala. As crianças têm sempre materiais à sua disposição, aqueles mais usuais e que eles podem ir buscar e usar da maneira que quiserem, mas depois potenciamos com alguns recursos, como os livros, as histórias, apresentação das obras de artistas plásticos, tudo isso são propostas que levamos para a sala, umas vezes sim, pensadas e planificadas, pelo menos estas que não são tão recorrentes, tal como dar a conhecer um artista plástico, pois não será todos os dias que o fazemos, mas a partir da apresentação há todo um processo de construção e conhecimento de técnicas e de materiais.

Considero igualmente importante trazer o teatro á escola, visitar galerias, visualizar filmes, ver exposições, ouvir música e dançar tudo isto desenvolve a capacidade de observação e a competência crítica face ao que observam e sentem. o facto de serem capazes de dar a sua opinião, é significativo porque todos têm uma opinião para partilhar. São estas questões que ajudam a desenvolver a capacidade de fazer escolhas, organizarem o pensamento, serem culturalmente despertos.

6. **Considera importante existir na sala uma área destinada às artes visuais?**

Sim! Claro, sem dúvida, existe em sala duas áreas destinadas a este domínio. Uma onde se encontra o cavalete e vários materiais riscadores ao alcance das crianças para que utilizem esta área sempre que desejem e de forma autónoma e onde estão também disponíveis plasticinas para modelagem e uma outra área, em que estão disponíveis várias folhas de diversos tamanhos, tesouras e colas e que as crianças utilizam para os seus projetos nomeadamente a construção de livros. É interessante ver e acompanhar a evolução das crianças na idealização e nos processos de construção dos seus projetos.

7. **Na sua opinião, qual é o papel da educadora na preparação do espaço e na diversificação de materiais no desenvolvimento das atividades de artes visuais?**

O educador é ou deverá ser sempre um facilitador ou mediador dos processos de aprendizagens das crianças e nas artes visuais também. A criação de espaços destinados às artes deve ser pensada de forma criteriosa, de modo a dar resposta aos interesses e curiosidade das crianças com a apresentação de contextos de investigação e experimentação com diferentes tipos de materiais. Os espaços devem ser dinâmicos, sugestivos e que apelem à criatividade e ao envolvimento das crianças desafiando o seu imaginário.

O espaço é importante no que que diz respeito às artes visuais, não pode ser estanque, ele vai evoluindo, conforme a evolução das crianças sobre aquilo que vão construindo, vão dando, pedindo. Por isso têm de corresponder às necessidades e interesses das crianças e não só os espaços interiores, mas também o exterior com todo o seu potencial de elementos naturais nomeadamente a luz contrastando e fazendo realçar a sombra. Se pensarmos no material mesas de luz, são um ótimo material de descoberta e encantamento, que provoca e desafia à descoberta, do opaco e do translúcido por exemplo. Dar-lhes todas estas alternativas, acho que é de extrema importância, abrir-lhe os horizontes, passar para eles aquilo que valorizamos porque também o educador precisa vivenciar para dar a conhecer.

8. **Chegámos ao fim da nossa entrevista, gostaria de saber se tem algo a acrescentar?**

Gostava de acrescentar, e agradecer por me teres proporcionado esta reflexão, o pensar sobre as coisas, neste caso as artes visuais, porque nós pensamos sobre as coisas, sobre o que fazemos e o que queremos fazer, mas não desta forma tão sistematizada, é

diferente, e esta conversa, falar contigo abriu caminho para a reflexão, que por vezes nos passa um pouco ao lado, assim conseguimos perceber de facto valorizar o que fazemos e que consideramos tão importante para as nossas crianças e a sua educação. A função da Arte na educação é de provocar questionamentos e desencadear uma outra educação do olhar, uma educação que rompa com o estabelecido, com as normas e convenções sobre o próprio mundo. Uma educação em arte que faça com que as pessoas continuem á procura para dar um sentido poético à vida.

Apêndice D – Análise do conteúdo das entrevistas

Categorias	Subcategorias	Resposta da entrevista à Educadora A	Respostas da entrevista à Educadora B
Conceção das educadoras	**Artes visuais**	"as artes visuais, a par de outras áreas, têm uma importância significativa no desenvolvimento da criança" (questão a) "Acredito que se traduz em manifestações mais sensitivas e criativas da criança na forma de entender e interpretar o mundo, de um modo muito próprio, muito pessoal." (questão b)	"As artes visuais e a sua exploração, desenvolve a criatividade e a expressão dos sentimentos e emoções." (questão a) "Através das artes visuais e o contacto com as diversas linguagens artísticas, a criança potencia a sua perceção e imaginação, criatividade." (questão a)
	Papel da Educadora	"importa que o adulto prepare antecipadamente uma série de materiais e desafios, tornado o ambiente rico em possibilidades" (questão g)	"O educador é ou deverá ser sempre um facilitador ou mediador dos processos de aprendizagens das crianças e nas artes visuais" (questão b)
	Preparação e organização de espaços e materiais	"nas experiências que proponho às crianças ou que elas próprias manifestam interesse, procuro colocar ao seu dispor uma variedade de materiais e experiências que favoreçam o desenvolvimento do seu ímpeto exploratório e de múltiplas aprendizagens." (questão d)	"Para além dos materiais que estão sempre disponíveis, sim, faço propostas de exploração com materiais diversificados ou alternativos e que à partida não se imaginaria poderem ser recursos de expressão" (questão d) "as crianças através desses materiais vão poder expressar-se e experimentar." (questão d)

Prática das educadoras	**Intencionalidades**	"As artes visuais são incluídas desde logo na organização do ambiente educativo, onde os espaços são dispostos para que criança possa escolher, tomar iniciativa e experimentar de uma forma progressivamente mais independente." (Questão a)	"A função das Artes visuais na educação é de provocar questionamentos e desencadear uma outra educação do olhar, uma educação que rompa com o estabelecido, com as normas e convenções sobre o próprio mundo". (Questão a)
Materiais	**Organização e diversificação de técnicas e materiais**	"Procuro, nas experiências que proponho em desafio às crianças ou que elas próprias manifestam interesse, colocar ao seu dispor uma variedade de materiais e experiências que favoreçam o desenvolvimento do seu ímpeto exploratório e de múltiplas aprendizagens." (questão d) "Desde a pintura com vários materiais mais ou menos convencionais (tintas, guaches, aguarelas, café, beterraba, especiarias…), os desenhos com vários materiais riscadores e sobre diferentes superfícies, os recortes e as colagens fazem composições visuais, exploração de massas e plasticinas, exploração de espumas, bolas de sabão coloridas…" (questão c)	"Para além dos materiais que estão sempre disponíveis, sim, faço propostas de exploração com materiais diversificados ou alternativos e que à partida não se imaginaria poderem ser recursos de expressão" (questão d) "tintas naturais, servem para despertar a curiosidade perante os materiais, e mostrar que de facto os materiais têm uma imensa de utilizações, que por vezes as crianças nem imaginam." (questão c) "Os pauzinhos que eles utilizam quando estão no exterior, as folhas e sementes, a areia, as pedras, tudo isso lhes dá imensas hipóteses de trabalho, e perceberem que de facto a natureza oferece tanta coisa que nós podemos aproveitar." (questão c)

Apêndice E – Planificação da intervenção Creche - "Pintura aromática"

<table>
<tr><td colspan="2">Atividade dirigida – Tema "Pintura aromática"</td><td>Intervenção nº1 – Segunda-feira dia 28 novembro 2022

Duração: 10h às 10h30m – Aproximadamente 30m</td></tr>
<tr><td>Áreas de Conteúdo</td><td colspan="2">Aprendizagem a promover</td></tr>
<tr><td>▪ Área de Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

▪ Área da expressão artística domínio das artes visuais</td><td colspan="2">→ Desenvolvimento da compreensão oral, escutar a história.

→ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.
→ Exploração e utilização de diferentes materiais que são disponibilizados para desenhar ou pintar, (…) de forma a alargar as suas experiências, (…) para o desenvolvimento da imaginação e das possibilidades de criação.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Intencionalidades (de acordo com Silva et al., 2016): "a intencionalidade do/a educador/a é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com material diversificado.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Estratégias: Preparação do espaço; borrifei estrategicamente as páginas com especiarias; ao dinamizar a história que apelava aos sentidos, as crianças sentiam o aroma da canela, colorau e caril; As crianças estiveram envolvidas na preparação das tintas.</td><td>Recursos: RF- especiarias; folhas; pinceis, RH-Estagiária e Educadora Cooperante</td></tr>
</table>

Avaliação: Avaliar as respostas das crianças no que diz respeito às questões de analise das obras apresentadas. Avaliar a capacidade de observação, enumerar os detalhes mencionados pelas crianças. Avaliar a criatividade e o empenho investido na realização dos desenhos no domínio da expressão plástica.

Apêndice F – Registos fotográficos da intervenção "Pintura aromática".

Apêndice G– Planificação da intervenção Creche - "Pintura sensorial"

Atividade dirigida – Tema "Pintura sensorial**"**	**Intervenção nº2 – Terça-feira dia 10 de janeiro de 2023** **Duração: 10h às 10h35m – Aproximadamente 35m**
Áreas de Conteúdo	**Aprendizagem a promover**
▪ Área da expressão artística domínio das artes visuais	→ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. → Exploração e utilização de diferentes materiais que são disponibilizados para desenhar ou pintar, (…) de forma a alargar as suas experiências, (…) para o desenvolvimento da imaginação e das possibilidades de criação. → Potenciar a exploração dos materiais → Despertar a curiosidade e interesse das crianças • → Promover a exploração sensoriomotora → Diferentes perceções de luz → Contato com materiais diferentes
Intencionalidades (de acordo com Silva et al., 2016): "a intencionalidade do/a educador/a é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com material diversificado.	

Estratégias: Adequar o discurso na análise das obras de forma simples. Dar tempo de observação em cada imagem apresentada. Ouvir atentamente as crianças na manifestação dos detalhes observados; acompanhar os pequenos grupos na realização dos trabalhos de expressão plástica.	**Recursos**: **RF**- Imagens das obras; folhas A4; material riscador; **RH**-Estagiária, Educadora Cooperante e Assistente da Ação Educativa
Avaliação: Duração da atividade; Interesse na exploração; Curiosidade natural das crianças perante o ambiente da sala.; Interesse demonstrado pela pintura.; promover o contato com novas experiências de utilização de diferentes suportes. Avaliar a criatividade e o empenho investido na realização dos desenhos no domínio da expressão plástica.	

Apêndice H – Registos fotográficos da intervenção “Pintura sensorial”.

Apêndice I– Planificação da intervenção jardim-de-infância "Artistas por três dias" (atividade nº1)

<table>
<tr><td colspan="2">Atividade dirigida – Tema "Artistas por três dias" - Pintura</td><td>Intervenção nº1 – Segunda-feira dia 15 de maio de 2023

Duração: 14h às 15h15m – Aproximadamente 1h15m</td></tr>
<tr><td>Áreas de Conteúdo</td><td colspan="2">Aprendizagem a promover</td></tr>
<tr><td>Área de Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
Área da expressão artística</td><td colspan="2">Área de Conhecimento do Mundo
"Desenvolve um sentido estético perante manifestações artísticas de diferentes tempos e culturas." (p.40).

Área da Expressão Artística
A criança ao "apropriar-se progressivamente de diferentes técnicas e conhecimentos, através da exploração, experimentação e observação" (…) Permite "ensaiar formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar."(…) A criança ao (…)" contactar com obras de outros" (…) é capaz de (…) "desenvolver a capacidade de observação, interpretação e reflexão, comunicando os seus sentimentos pessoais e visão crítica, de modo a compreender a possibilidade de múltiplas leituras." (p.48)</td></tr>
<tr><td colspan="3">Intencionalidades (de acordo com Silva et al., 2016): "a intencionalidade do/a educador/a é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com diversas manifestações artísticas de diversas épocas, culturas e estilos, de modo a incentivar o seu espírito crítico perante diferentes visões do mundo</td></tr>
</table>

Estratégias: Adequar o discurso na análise das obras de forma simples. Dar tempo de observação em cada imagem apresentada. Ouvir atentamente as crianças na manifestação dos detalhes observados; acompanhar os pequenos grupos na realização dos trabalhos de expressão plástica.	**Recursos**: **RF**- Imagens das obras; folhas A4; material riscador; **RH**-Estagiária, Educadora Cooperante e Assistente da Ação Educativa
Avaliação: Avaliar as respostas das crianças no que diz respeito às questões de analise das obras apresentadas. Avaliar a capacidade de observação, enumerar os detalhes mencionados pelas crianças. Avaliar a criatividade e o empenho investido na realização dos desenhos no domínio da expressão plástica.	

Apêndice J– Planificação da intervenção jardim-de-infância - "Artistas por três dias" (atividade nº2)

<table>
<tr><td colspan="2">Atividade dirigida – "Artistas por três dias" - Esculturas</td><td>Intervenção nº2 – Terça-feira dia 16 de maio de 2023
Duração: 14h às 15h15m – Aproximadamente 1h15m</td></tr>
<tr><td>Áreas de Conteúdo</td><td colspan="2">Aprendizagem a promover</td></tr>
<tr><td>▪ Área de Formação Pessoal e Social
▪ Área da Expressão Artística (Domínio das artes visuais)</td><td colspan="2">▪ Área de Formação Pessoal e Social
"Expressa as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam." (p.38)
▪ Domínio das Artes Visuais
(de acordo com Silva et. al (2016): "As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar" (…) de forma que consigam alargar as suas experiências, (…) de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação" (p.49); "A capacidade de criar e apreciar é ainda alargada através do contacto e observação de diferentes modalidades das artes visuais" (p.49); "Proporciona a observação de diversas formas visuais, de diferentes culturas e tradições (natureza, obras de arte" (p.51); "As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar" (49)</td></tr>
<tr><td colspan="3">Intencionalidades (de acordo com Silva et al., 2016): cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação" (p.49); é importante valorizar as produções realizadas pelas crianças "Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação" (51); cabe ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação. "Assim, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade</td></tr>
</table>

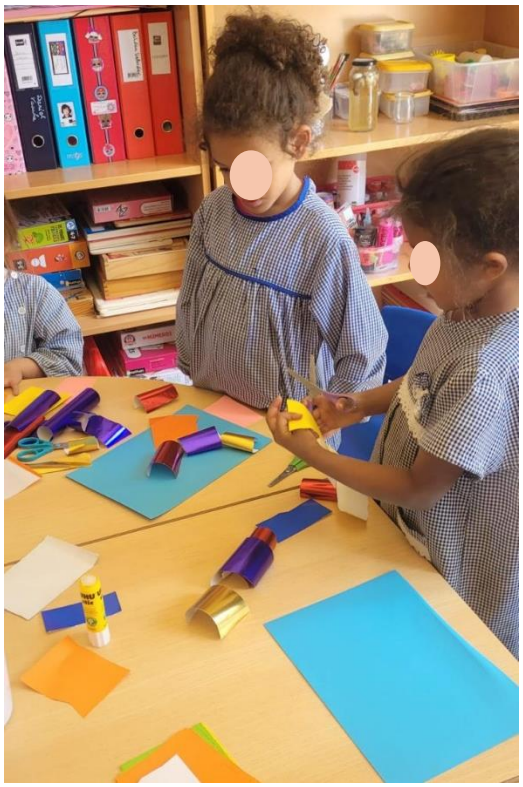
<table>
<tr><td colspan="2">de materiais e instrumentos (papel de diferentes dimensões e texturas; tintas de várias cores; diferentes tipos de lápis (…) como pastel seco, carvão, barro, plasticina e outros materiais moldáveis. (p.49)</td></tr>
<tr><td>Estratégias: Adequar o discurso na análise das obras de forma simples. Dar tempo de observação em cada imagem apresentada. Ouvir atentamente as crianças na manifestação dos detalhes observados; acompanhar os pequenos grupos na realização dos trabalhos de expressão plástica; observar a criatividade de cada criança na elaboração das suas esculturas; perceber se aplicam as técnicas do artista ou se utilizam a sua própria imaginação e criatividade</td><td>Recursos: RF- Imagens das obras; computador; plasticinas; suporte de mola.
RH-Estagiária, Educadora Cooperante e Assistente da Ação Educativa</td></tr>
<tr><td colspan="2">Avaliação: Avaliar as respostas das crianças no que diz respeito às questões de analise das obras apresentadas. Avaliar a capacidade de observação, enumerar os detalhes mencionados pelas crianças. Avaliar a criatividade e o empenho investido na realização das esculturas.</td></tr>
</table>

Apêndice K– Planificação da intervenção jardim-de-infância - "Artistas por três dias" (atividade nº3).

<table>
<tr><td colspan="2">Atividade dirigida – "Artistas por três dias" – Recorte e colagem</td><td>Intervenção nº3 – Quarta-feira dia 17 de maio de 2023
Duração: 14h15m às 15h15m – Aproximadamente 1h</td></tr>
<tr><td colspan="2">Áreas de Conteúdo</td><td>Aprendizagem a promover</td></tr>
<tr><td colspan="2">▪ Área de Formação Pessoal e Social
▪ Área da Expressão Artística (Domínio das artes visuais)</td><td>▪ Área de Formação Pessoal e Social
"Expressa as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam." (p.38)
▪ Domínio das Artes Visuais
(de acordo com Silva et. al (2016): "As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar" (…) de forma que consigam alargar as suas experiências, (…) de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação" (p.49); "A capacidade de criar e apreciar é ainda alargada através do contacto e observação de diferentes modalidades das artes visuais" (p.49); "Proporciona a observação de diversas formas visuais, de diferentes culturas e tradições (natureza, obras de arte" (p.51); "As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar" (49)</td></tr>
<tr><td colspan="3">Intencionalidades (de acordo com Silva et al., 2016): cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação" (p.49); é importante valorizar as produções realizadas pelas crianças "Expõe os trabalhos das crianças envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação" (51); cabe ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação. "Assim, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td colspan="2">de materiais e instrumentos (papel de diferentes dimensões e texturas; tintas de várias cores; diferentes tipos de lápis (…) como pastel seco, carvão, barro, plasticina e outros materiais moldáveis. (p.49)</td></tr>
<tr><td>Estratégias: Adequar o discurso na análise das obras de forma simples. Dar tempo de observação em cada imagem apresentada. Ouvir atentamente as crianças na manifestação dos detalhes observados; acompanhar os pequenos grupos na realização dos trabalhos de expressão plástica; observar a criatividade de cada criança na elaboração das suas esculturas; perceber se aplicam as técnicas do artista ou se utilizam a sua própria imaginação e criatividade</td><td>Recursos: RF- Imagens das obras; tesoura: desperdício de papel.
RH-Estagiária, Educadora Cooperante e Assistente da Ação Educativa</td></tr>
<tr><td colspan="2">Avaliação: Avaliar as respostas das crianças no que diz respeito às questões de analise das obras apresentadas. Avaliar a capacidade de observação, enumerar os detalhes mencionados pelas crianças. Avaliar a criatividade e o empenho investido na realização das esculturas.</td></tr>
</table>

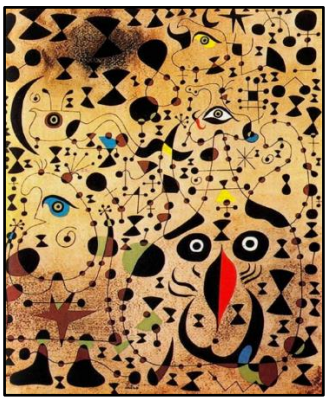
Apêndice L – Registos fotográficos da intervenção "Artistas por três dias".



Apêndice O – Notas de campo dos diálogos das crianças no momento de apreciação das obras apresentadas na intervenção de jardim-de-Infância

Momento de observação e diálogo da pintura: O Belo Pássaro

Figura 20 - Obra de Joan Miró "O grande Pássaro"



Estagiária: De que cor é o fundo?

S.: É amarelo escuro!

L: Tantas bolinhas pretas?

Estagiária: O que vos parece estas bolinhas?

I.: Parecem estrelas do céu.

P.: Estou a ver olhos! São três.

Estagiária: Encontram a serpente?

Pequeno grupo de crianças: Sim! Está aí em cima.

(nota de campo, 16 de maio 2023)

Momento de observação e diálogo da pintura: O Interior Holandês

Figura 21- Obra de Joan Miró "O Holandês"

Estagiária: Conseguem identificar uma figura humana nesta pintura?

S.: Sim! É um homem com bigode!

Estagiária: E que instrumento musical o senhor está a tocar?

A.: Uma viola pequenina

T.: Rosa! Estou a ver um cão também.

(nota de campo, 16 de maio 2023)

Anexos

Anexo 1 Poema “ As cem linguagens” de Loris Malaguzzi

A criança é feita de cem.

A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar,

de jogar e de falar.

Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.

Cem alegrias para cantar e compreender.

Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.

Cem mundos para sonhar.

A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem),

mas roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.

Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar,

De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e, de cem,

roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação,

O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.

Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário,

as cem existem.